

CIÊNCIA - FILOSOFIA - ARTE - RELIGIÃO - ESOTERISMO - MEDICINA OCULTA - ASTROLOGIA - ANTROPOLOGIA

REVISTA

Maitreya

INSTITUTO GNÓSTICO de ANTROPOLOGIA - IGA BRASIL

www.igabrasil.org.br

64º ANO DA ERA DE AQUÁRIO • ANO XVIII • Nº 69 • out/nov/dez 2025.



ENSINAMENTOS DE SAMAEL AUN WEOR
A Paixão de Al Hallaj • O Culto ao Fogo

POEMA
O Beijo

FILOSOFIA
Muito Além do bem e do mal

ASTROLOGIA ESOTÉRICA
O Arqueiro Derviche

ARTE
O Rei Maravilhoso

A CABALA ESOTÉRICA
Arcanos 9 e 22

HOMENAGEM À ELIZABETH
Carta para Minha Amada



Revista Maitreya

Edição Out/Nov/Dez-2025

Edição do Instituto Gnóstico de Antropologia
(IGA Brasil) para a divulgação dos
Ensinamentos Gnósticos

Ano XVIII - Nº 069

Trimestral - 1.100 exemplares
64º Ano da Era de Aquário

Presidentes de Honra: V.M. Samael Aun Weor, V.M. Litelantes e Sr. Osiris Gómez Garro (fundadores e Diretores das Instituições Gnósticas);

Diretora Mundial: Sr^a Inmaculada Ugartemendía de Gómez; **Presidente Nacional:** Roberto Antunes de Lira; **Editor:** Ricardo Nairo de Souza; **Direção de Arte:** Alberto Paula de Souza e Ricardo Nairo de Souza. **Redação:** Ana Reis; Antonio Luiz; Gandhi Galli; Leandro Bellio; Jussara Teodoro; Ricardo Amâncio; Rubens Ribeiro; Sandro Barbosa; Selene de Jesus; Tereza Félix; **Colaboradores:** Alice Canella; Cleber Nelson; Flávio Félix; Marcos Terra; Nathália Martins; Missionários do IGA Brasil.

Capa: "O Giro Cósmico" (por Alberto Paula de Souza)

EDITORIAL

Queridos Leitores,

Este ano o IGA BRASIL completou 35 anos, no dia 09 de setembro de 2025. Este foi mais um ano de muitas realizações: Cursos (Online e presenciais), Retiros Espirituais e a preparação da viagem para participar do XXVII Congresso Gnóstico Internacional de Antropologia na Ilha de Creta, na Grécia.

Este foi também o ano em que o Instituto sofreu uma grande "perda", com a partida da nossa Irmã-Mãe Maria Elizabeth de Araújo Barros. A Revista Maitreya agradece, nesta edição, por todo o apoio recebido da nossa Secretária Geral do IGA BRASIL por mais de 27 anos e publica uma Carta de Agradecimento, escrita por seu esposo e companheiro por mais de 50 anos, Josafá Barros.

No Congresso de Creta, o Grupo Teatral EROS (Estudos e Ritos da Obra de Samael) irá se apresentar com a peça "A Criação, o Homem e a Mulher - uma Dança Derviche"; assim, nossos colunistas prepararam textos relativos ao tema do Sufismo, bem como foram selecionados textos do nosso V.M. Samael sobre o assunto.

Mais um ano... Há muito a ser feito por cada missionário e pela Instituição. Temos muito ainda por caminhar, cada um de nós, Estudantes, em nossa senda probatória. Só nos resta seguir adiante, com passo firme e decidido, sabendo que os Veneráveis Mestres Samael e Litelantes iluminam o nosso Caminho.

Boa leitura e que a paz esteja com vosso espírito.

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial: Um novo ano. Muito a fazer!	02
SAW: A Paixão de Al Hallaj	03
FILOSOFIA: Muito além do bem e do mal	07
ASTROLOGIA ESOTÉRICA: Sagitário - O Arqueiro Derviche	10
PRATICAI! O Giro Derviche	20
POEMA: O Beijo	16
ARTE: O Rei Maravilhoso	18
HOMENAGEM À ELIZABETH	20
A CABALA ESOTÉRICA: Arcanos 9 e 22	22
SAMAEL RESPONDE	28
EVANGELHO DE TOMÉ: Aforismo II	30
SALA DE AULA: Alquimia e as Catedrais Góticas	32
SAW-II: O Culto ao Fogo	34
GLOSSÁRIO GNÓSTICO	38
CALENDÁRIO ATIVIDADES	39

A PAIXÃO DE AL HALLAJ

Por Samael Aun Weor



O *Omnicósmico* e santíssimo Al Hallaj nasceu no Irã, no ano de 857, e era neto de um devoto do grande Mestre Zoroastro.

Al Hallaj foi iniciado nos grandes mistérios do Sufismo. Contam as tradições árabes que quando completou quarenta anos de idade, esteve em franco desacordo com os juristas e tradicionalistas ortodoxos e saiu à rua para pregar diretamente às multidões os sublimes princípios da vida espiritual.

Está escrito que Al Hallaj, o grande Mestre sufista, ensinou, com sua palavra e com seu exemplo, viajando incansavelmente pelo Irã, Índia, Turquistão etc.,

chegando às próprias fronteiras da velha China.

O grande Mestre Al Hallaj era, de fora de toda dúvida, um tremendo revolucionário; os políticos ciumentos e invejosos acusavam-no de perigoso agitador; os doutores da lei, de confundir o humano e o divino; até os próprios Mestres do Sufismo não tiveram inconveniente em acusá-lo de romper a disciplina do Arcano, ao divulgar os mistérios esotéricos entre as pessoas e, como é apenas natural em todos estes casos, não faltaram juízes dispostos a condená-lo por muitos supostos delitos, tais como o de farsante, impostor, mago negro, feiticeiro, bruxo, profana-

dor dos mistérios, agitador de massas, ignorante predicador, inimigo do governo etc.

Al Hallaj, o grande místico sufista, foi encarcerado em uma infame prisão por nove anos e, depois, vilmente mutilado e executado em 27 de março de 922, no ano 309 de *Héjira*.

As tradições sagradas do Islã contam que, quando veio a noite terrível em que devia ser tirado de seu calabouço, ao amanhecer, para ser ajuizado, pôs-se em pé e pronunciou a prece ritual prosterando-se duas vezes.

Dizem os que o viram que, concluída sua prece, repetiu, sem cessar: “Engano, engano...” Até o final da negra noite e, depois de um longo e profundo silêncio, exclamou: “Verdade, verdade” e voltou a erguer-se; cingiu o véu de sua cabeça, envolveu-se em seu bendito manto, estendeu suas sagradas mãos cristificadas, voltou seu divino rosto em direção à

Kabah, entrou em êxtase e falou com seu Deus interno.

Quando saiu da prisão, já de dia, as multidões o viram em pleno êxtase de júbilo, dançando feliz sob o peso de suas correntes.

Os verdugos conduziram-no, sem misericórdia alguma, à praça pública, onde, depois de havê-lo flagelado com quinhentos açoites, cortaram-lhe as mãos e pés.

Dizem as antigas tradições do mundo árabe que Al Hallaj foi crucificado depois da flagelação e da mutilação e que muitas pessoas o ouviram falar em êxtase com o Pai que está em segredo, desde seu próprio Gólgota.

“Oh meu Deus! Vou entrar na morada de meus desejos e, ali, contemplarei tuas maravilhas. Oh, meu Deus! Se tu manifestas teu amor mesmo àquele que te prejudica, como então não o faria àquele que é prejudicado em ti?”



Depois desta prece, saída do coração do santíssimo Al Hallaj, as pessoas presenciaram o suplício, viram Abu Bakr al Shible, que, avançando para o patíbulo, recitou muito forte o versículo:

- Não te havíamos proibido receber nenhum hóspede, fosse homem ou anjo?” Depois, disse: “O que é a mística?”
- Al Hallaj responde-lhe: “Seu grau menor, aqui o vês”.
- E seu grau supremo?
- Tu não podes ter acesso a ele e, não obstante, amanhã, hás de ver o que acontecerá. Eu o testemunho no mistério divino em que existe e, para ti, permanece oculto.

Na hora vespertina, quando chegou o momento da prece, veio a ordem do cruel Califa sanguinário, autorizando degolar a santa vítima, porém os verdugos disseram: “É demasiado tarde, deixemo-lo para amanhã”.

Muito cedo se cumpriu a ordem do Califa e Al Hallaj, mesmo ainda com vida, foi tirado da cruz e o conduziram para lhe cortar o pescoço. Certa testemunha o ouviu dizer em voz muito alta: “O que quer o extático é o único, somente consigo mesmo”. Depois, cheio de êxtase, recitou o seguinte versículo sagrado: “Os que não creem na última hora são arrasados com pressa, porém os que creem, esperam-na com um temor reverencial, pois sabem que ela é a verdade”.

Assim, com essas solenes palavras, terminou a vida do *Omnicósmico* e santíssimo Al Hallaj. Sua venerável e bendita ca-

beça rolou sangrando, sob o fio da espada, como um holocausto sangrento na ara do supremo sacrifício pela humanidade.

O ódio venenoso dos verdugos foi tão grande, que nem sequer se autorizou amortilhar o cadáver ou dar-lhe sepultamento cristão.

As antigas tradições do Islã narram que as cinzas sagradas do velho sufista Al Hallaj foram dispersadas pelo vento desde o alto da *Manarah*.

Dizem as antigas lendas árabes que, em vez de um manto branco, o cadáver deste santo foi enrolado em imunda esteira umedecida com petróleo.

Quando o corpo santo ardeu consumido pelo fogo do holocausto, a Natureza inteira estremeceu cheia de infinito terror.

O grande Hierofante sufista Al Hallaj, à base de cinzel e de martelo, transformou a pedra bruta, dando-lhe uma forma cúbica perfeita.

O grande imolado Al Hallaj, antes de morrer, já estava absolutamente morto em si mesmo e dentro de si mesmo.

A resplandecente Alma de Diamante do imã Al Hallaj, seguindo pelo caminho celestial, se dirige para o Absoluto.

O grande Iniciado Sufi Al Hallaj nasceu, morreu e se sacrificou totalmente pela humanidade.

Bem vale a pena concluir este último capítulo com essa inefável oração que, com infinito amor, nos deixa o Cristo maometano imã Al Hallaj e que se intitula: “Oh, todo do meu todo!”



“OH, TODO DE MEU TODO!”

Eis-me aqui, oh meu segredo, oh minha confiança!
Eis-me aqui, eis-me aqui, oh meu fim, oh meu sentido!

Chamo-te... Não, és tu que me chamas a Ti!

Como te houvesse falado a Ti,
se Tu não me houvesse falado a mim?

Oh, essência da essência de minha existência,
oh término de meu designo.

Tu, que fazes falar, oh, Tu, minhas enunciações,
Tu meus pestanejares!

Oh, todo de meu todo, oh meu ouvido, oh minha vista!
Oh minha totalidade, minha composição e minhas partes!
Oh, todo de meu todo, todo de toda coisa, enigma equívoco,
obscureço o todo de teu todo, ao querer expressar-te!

Oh, Tu, de quem meu espírito estava suspenso,
já ao morrer de êxtase.

Ah, continua sendo sua prenda minha desdita...!

Oh, supremo objetivo que eu solicito e espero,
oh, meu hóspede!

Oh, alimento de meu espírito!

Oh, minha vida neste mundo e no outro!

Seja meu coração teu resgate! Oh, meu ouvido, oh minha vista!

Por que tanta demora, em meu retiro, tão longe?

Ah, ainda que para meus olhos Te escondas no invisível, meu
coração já Te contempla,
desde meu afastamento, sim, desde meu exílio.

Al Hallaj

Muito além do bem e do mal

Por Gandhi Galli - IGA Porto Belo e Urubici/SC

No “Sermão do Fogo” (Ādittapariyāya Sutta c. 445 a.C.), um dos discursos mais célebres do Senhor Budha, ele declarou:

“O mundo inteiro está ardendo em chamas!

Arde com os fogos do desejo, da aversão e da ignorância; arde com o fogo da cobiça, da inveja e do ódio; arde com o nascimento, o envelhecimento e a morte, com a tristeza e a aflição; arde com a dor e o desespero.”



Podemos chamar este fogo de “libido universal”, impulso de vida e de morte; assim como de Prana, o “Sopro de Deus” que se agita em tudo e em todas as coisas.

“Por não sermos conscientes deste fogo, nós apenas o atuamos mecanicamente no palco da existência, identificados e movidos por ele, como marionetes das forças da natureza.

Em nossa profunda ignorância e inconsciência, violamos esta sagrada vida que recebemos, caindo em um repetitivo e eterno ciclo entre a busca de prazer e o encontro com suas dolorosas consequências.

Desconhecemos que, acima desta dualidade fatal, sempre nos esperou e ainda nos espera o maravilhoso **“terceiro estado de consciência”**, que possui o poder de abrir nossa “terceira visão”, de iniciar nosso verdadeiro despertar rumo à Grande Realidade.

“Faze o que quiseres, mas de tudo o que fizeres hás de prestar contas!”

Mas como despertar tão grandiosa força? Qual o segredo que ela carrega? O Sagrado Pai fecunda a Divina Mãe, doando ao Universo inteiro seu único Filho, a mais pura vida em abundância para todos os Seres!

Nós, porém, repetida e desesperadamente, explodimos na busca do prazer ego-centrado, desperdiçando nosso Fogo Sagrado e impedindo o nascimento do Filho em nosso Universo interior. Apenas pensar em nos rebelar contra essa “doença da alma” já nos amedronta e gera grande resistência interior.

Eis os Mistérios do Fogo, revelados pelo Avatara de Aquário! Revelados diante de nosso profundo desconhecimento e incapacidade de reconhecê-lo, de cuidá-lo como a pedra mais preciosa dentro de nós, protegê-lo e respeitá-lo como o mais importante dentre todos os nossos valores. Pois sem Ele realmente não existimos. Sem Ele, somos apenas um fantasma de passagem neste mundo.



Estamos falando da sublimação voluntária e consciente de nossa libido - a única chave realmente capaz de transmutar nosso instinto sexual animal e, com ele, a mais profunda natureza de nossos sentimentos, pensamentos e vontades. Mas, para tanto, é necessária uma preparação, compreensão e renúncia aos valores do Ego. Arte, Ciência, Filosofia e Mística: todas expressões do Ser! A compreensão destemida e profunda da nossa natureza psicológica também é Ciência, um dos quatro pilares de dimensões infinitas da Gnosis Universal.

Ao trabalharmos alquimicamente com a sublimação da nossa libido, também estaremos provocando mudanças nas nossas configurações hormonais e neurotransmissoras do corpo físico, como se estivéssemos progressivamente corrigindo e harmonizando uma divina orquestra interior, a começar pelo equilíbrio entre os centros da máquina humana.

Ao nosso olhar inconsciente, neste mundo de fatalidades, muitas vezes o bem nos

parecerá o mal, e o mal nos parecerá o bem. Somente o Fogo Sagrado poderá nos trazer consciência para enxergar a clara realidade, muito além do bem e do mal. Porém é sumamente importante lembrarmos que o bem e o mal se manifestam através de pessoas comuns e cheias de defeitos: não podemos relativizar e dizer que a mão que engana e assassina é igual à mão que acolhe e cura.

“No mundo tereis tribulações, mas tende coragem; eu venci o mundo.” (João 16:33)

Dentre inúmeras referências ao Fogo Sagrado, em diferentes culturas, o V.M. Samael Aun Weor nos apresenta o Sufismo como o Coração Esotérico do Islã, a Via Interna centrada no amor a Deus, que também contém os três fatores de revolução da consciência: a Morte do Ego, o Nascimento do Ser e o Sacrifício pela Humanidade.

O Mestre Samael destaca a “Dança dos Dervixes” como um símbolo vivo do trabalho iniciático interno:

A recordação do Ser: o giro contínuo representa o dhikr, em termos gnósticos, a manutenção da consciência centrada no Íntimo enquanto tudo “gira” ao redor.

O retorno ao centro: o dervixe gira em torno de um eixo estável; representando o retorno ao Centro, ao Ser, ao coração, em contraste à fragmentação psicológica entre seus “muitos eus”.

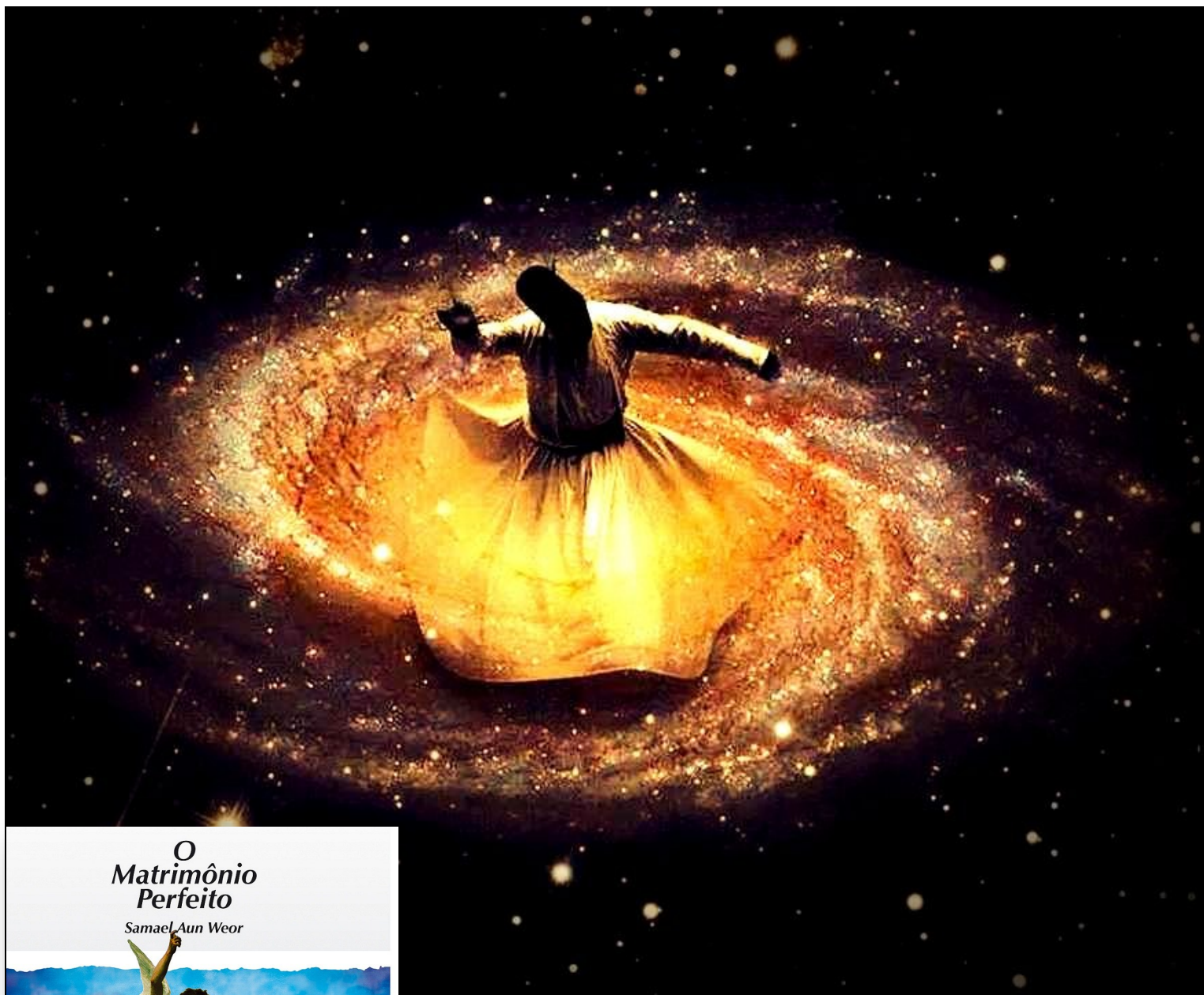
A transmutação da energia criadora: o movimento rotatório e o êxtase intensificam a sublimação da libido - o Fogo Sagrado - despertando a consciência.

A harmonia entre os três cérebros: o ritmo, a música e a recordação íntima de si mesmo integram pensamento, emoção e movimento, sob a direção do Ser.

A dinâmica cósmica em espiral: o giro dos dervixes inspira-se no movimento harmônico dos Astros, trazendo conexão à infinita e divina Orquestra Cósmica; a Música das Esferas de Pitágoras.

O serviço e a humildade: a dança do dervixe representa sua renúncia ao Ego e sua entrega ao amor devocional - o sacrifício pela humanidade.

No importantíssimo trabalho de aprendizado dos novos estudantes gnósticos, temos a difícil tarefa de conduzi-los, gradativamente, ao entendimento e à percepção interna das diferentes forças que se manifestam em nossa psique, levando-os a reconhecer as manifestações da Consciência e do Fogo Sagrado, em contraste com o labirinto caótico e dominante da multiplicidade do “Eu”. E assim surgirão mais e mais luzes na escuridão! ■



O
**Matrimônio
Perfeito**

Samael Aun Weor



A porta de entrada à iniciação



BIBLIOGRAFIA:

- Samael Aun Weor

- “O Matrimônio Perfeito” - Editora IGA FÊNIX. 2025

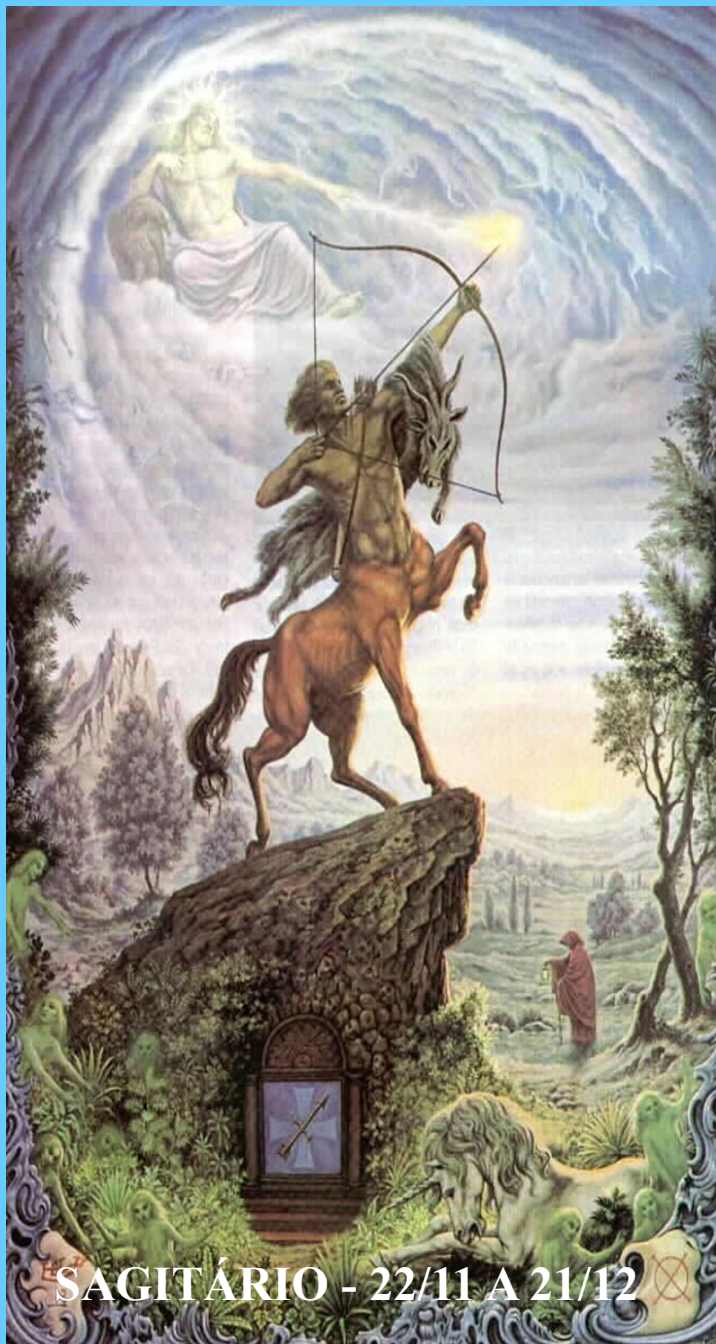
- Os Corpos Solares” - Editor IGA Fênix. 1996

- “Cânone Páli: Sermão do Fogo” - Ādittapariyāya Sutta, SN 35.28.

ASTROLOGIA ESOTÉRICA

O Arqueiro Dervixe – A Flecha de Sagitário

Por Leandro Bellio - IGA Campinas e Indaiatuba (SP)



Omar era de origem turca, sagitariano de nascimento, e carregava no nome o peso de uma história interrompida. Seu pai, que emigrara para o Brasil ainda jovem, deixara para trás o solo árido da Anatólia e os cânticos do alvorecer em Istambul. Não falava muito do passado, mas seus olhos sempre se perdiam quando mencionava o deserto, os mestres sufis e os versos de Rumi.

Omar tinha apenas quatorze anos

quando o pai faleceu, deixando-lhe a dor da ausência e uma herança silenciosa: uma casa modesta com uma antiga biblioteca misteriosa.

Ali, entre estantes empoeiradas e cadernos escritos em árabe e turco, Omar encontrava fragmentos do que parecia ser um outro universo. Livros sobre místicos como Rumi, Rubaiyat, Al-Ghazali, Ibn Arabi. Manuscritos anotados à mão com citações, comentários, sonhos. Havia também fotografias antigas: o pai mais jovem diante de mesquitas, abraçado a dervixes, com os olhos brilhando como quem acabara de tocar o céu.

Para Omar, aquilo tudo provocava um furor difícil de nomear. Era mais do que saudade. Era como se algo dentro dele estivesse sempre tentando lembrar de algo. Mas a vida seguiu o curso que o mundo impõe...

Estudou, formou-se, foi promovido, viajou, circulou entre os círculos certos. Como acontece normalmente com os nativos de Sagitário, foi cheio de paixões e namoros aventureiros. Sob a luz de um anelo interior estudara filosofia, teologia, psicologia e até astrologia. Tudo lhe pareciam pedaços de um quebra-cabeça que não compreendia; por dentro, um silêncio espesso se instalava como uma neblina antiga. Uma inquietação que não cessava.

Era como se, apesar de tudo, faltasse algo essencial.

Algo que ele não conseguia nomear, mas que parecia chamá-lo cada vez com mais força. “Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?”

Até que recebeu o convite para assistir a uma palestra sobre o significado esotérico de seu Signo, em uma casa; ali, lia-se: Instituto Gnóstico de Antropologia. Era uma noite quente do dia 22 de novembro. Durante a palestra sobre astrologia esotérica iniciática, o instrutor falou sobre o sim-

bolismo de Sagitário, relacionando-o a “**uma criatura que tem uma flecha na mão, metade cavalo, metade homem**”, “**o cavalo representa o ego animal, o eu pluralizado vestido com seus corpos lunares**”. Citou a relação deste signo com os planetas (Júpiter), pedras (Safira Azul), metais (Estanho), com a região do corpo (Coxas) e muito sobre a personalidade dos nativos de Sagitário. Ficou impressionado!

Mas o que mais lhe marcou foi quando o instrutor ensinou sobre a prática esotérica deste signo, relacionado com a postura das *huacas* peruanas.

“Despertar a clarividência e acessar os arquivos *akáshicos* da Terra...”, ele repetia a frase como quem degusta um vinho sagrado.

Naquela mesma noite, preparou um espaço silencioso em seu quarto. Agachou-se de cócoras como lhe foi ensinado, com os dedos indicadores apontando o céu. O corpo começou a doer rapidamente, mas não desistiu.

Pronunciou o mantra com reverência e presença: “iiiiissssss... iiiiiissssss...”

Os sons vibravam como se abrissem uma fenda sutil no tempo. Na terceira repetição, algo se moveu dentro... Na quinta, sentiu as pernas formigando... Na nona, o mundo rodou e desapareceu...

De repente, estava em outro lugar. Um espaço sem tempo, feito de luzes que não vinham de sol algum. Não havia corpo, só consciência. Diante de si, uma biblioteca viva, chamas em forma de símbolos, imagens se desenhando no ar como se o próprio vento soubesse narrar histórias.

Omar sabia que estava em algo grandioso.

“O Arquivo *Akáshico*...”, murmurou dentro de si, vibrando com uma emoção de alegria lacrimajante.

Uma das chamas flutuantes se aproximou. Começou a tomar forma. Era um homem de túnica branca, olhos abissais como o céu noturno, barba longa, nariz aquilino, que lembrava de suas origens turcas, e uma expressão tão doce quan-

to firme.

- *Te chamei...* - disse ele com uma voz que não se ouvia, mas se compreendia. - *Sou Al Hallaj.*

Era o Cristo Maometano.

Omar se arrepiou e sentiu uma onda de calor percorrer sua alma. O nome já havia atravessado seus estudos, mas naquele instante era mais do que um personagem histórico: era uma presença viva.

- *P...P... Por que... estou aqui?* - Omar perguntou, com a voz trêmula.

- *Porque você quer ver. Mas verá apenas se estiver disposto a morrer.*

Al Hallaj estendeu a mão, e uma nova chama acendeu entre eles. Dentro dela, Omar viu cenas que não compreendia: cidades antigas, desertos, flagelos, cânticos, um homem sorrindo com correntes nos pés.



Queima e crucificação de Mansur al-Hallaj, representação de um manuscrito da Caxemira do século XIX .

- *Esse sou eu. Ou melhor, fui. Ou poderia ser... em ti.*

- *O que quer dizer?* - Omar tentou entender.

- *A alma humana não é linear. O que há de vazio em você busca o que não está no tempo. Mas no mistério do fogo.*

As imagens continuavam: um tribunal injusto, gritos de blasfêmia, açoites e, pendurado numa cruz, Al Hallaj, em êxtase.

- *Mas você morreu...*

- *Antes da morte, já estava morto. O ego precisa morrer. A besta que cavalga o centauro precisa cair.*

As palavras ecoavam em todas as direções da consciência.

Al Hallaj continuou:

- *Tu és de Sagitário, Omar. Um arqueiro dividido. Mas tua flecha pode furar o véu. A prática da Gnose te guiará. Você compreenderá que só o fogo consumirá teu verdadeiro inimigo: o ego.*

A chama ao redor começou a crescer. Omar sentia-se queimando. As visões giravam ao seu redor como constelações: guerras internas, máscaras, vozes de orgulho, paixões luxuriosas, imagens de si mesmo caindo de joelhos.

- *Você quer ver? Ver de verdade?*

- *Sim.* - Omar respondeu com o coração.

Despertou suado. Não sabia quanto tempo havia passado. Seu corpo doía como se tivesse atravessado uma longa batalha. Mas havia algo novo, uma certeza: aquilo não fora uma alucinação.

No espelho do banheiro, seus olhos pareciam outros. Havia algo ali... como se a alma tivesse voltado da infância de Deus.

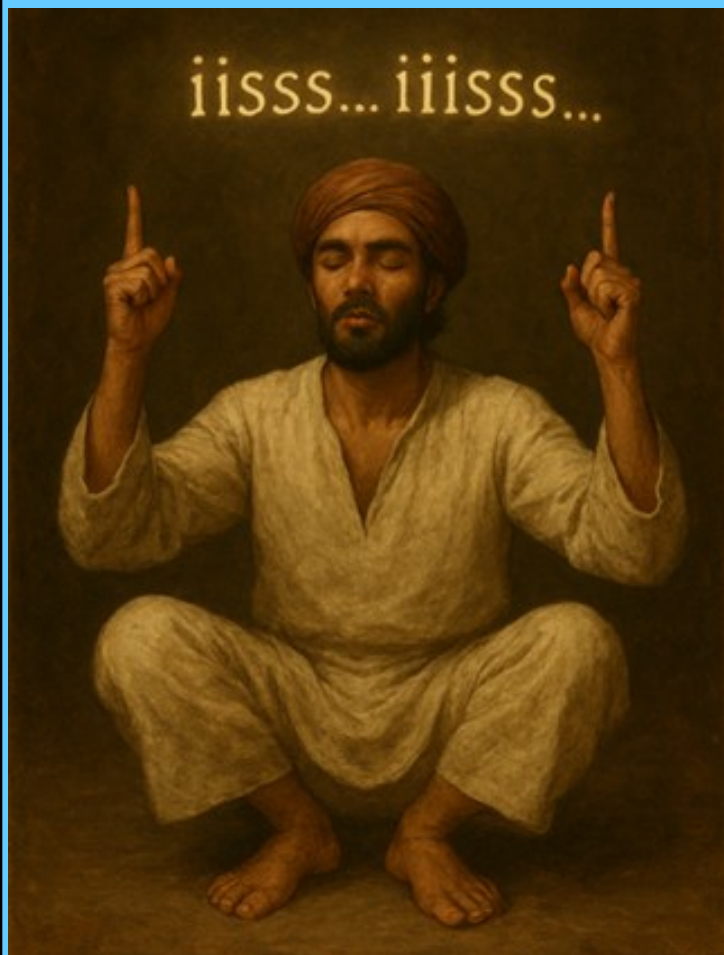
E, no fundo da mente, ainda ecoava a voz:

“A Mãe Divina sempre nos ajuda a compreender quando sobre a chama da Serpente a chamamos. A Mãe Divina roga por nós à Loja Branca e elimina um a um aqueles eus que já são mortos.”

Omar caiu de joelhos no chão do banheiro. Pela primeira vez na vida, chorou como quem renasce...

Desde aquela noite, Omar não foi mais o mesmo. Acordava mais cedo, estudava com afinco a Gnose, com o coração inquieto, como se o mundo invisível pulsasse debaixo das coisas comuns. Pela primeira vez em anos, seus sentidos pareciam aguçados. Começava a perceber silêncios entre as palavras, movimentos nas pessoas que iam além do visível.

Seguia a prática todas as madrugadas.



Em silêncio, agachava-se em cócoras, com os dedos indicadores apontados ao céu. A posição se tornara um altar interior. Entoava o mantra com devoção: “iiSSS... iiSSS...”

Na oitava noite consecutiva, a energia mudou. As pernas adormecidas vibravam. O peito se abria como se respirasse por mil bocas. A visão se alargou diante de seus olhos fechados, e surgiram chamas difusas em forma espiralada. Tudo começou a girar. Uma flauta marcada pelo som de um grande tambor começou a ressoar. Ali estava de novo: o grande salão Akáshico que começara a se abrir.

As espirais rodando foram ganhando nitidez, e ele viu nelas os Dervixes girando, **“imitando maravilhosamente o movi-**

mento dos planetas do Sistema Solar ao redor do Sol”.

Enquanto isso acontecia, sentiu sua coluna vertebral queimando em um fogo sagrado em meio da “dança”. No centro do salão havia uma cesta de onde surgiu uma serpente que ia se desenrolando sob o ritmo da música dervixe, a flauta, o tambor e a sensação de um deleite inimaginável.

Outras chamas mais intensas flutuavam como partículas de ouro e vozes de antigos mestres cantando em línguas arcaicas. De uma delas, Al Hallaj apareceu novamente, agora com um manto vermelho, os olhos ardendo com uma luz de fogueiras vivas.

- *Omar, bem-vindo à classe de hoje. Agora verás o que muitos temem: a memória da Terra... e de ti mesmo.*

O mestre tocou sua fronte. Uma onda de calor percorreu o corpo sutil de Omar. As imagens começaram a se formar diante dele.

Viu-se criança, aos quatro anos, olhando as estrelas e dizendo ao pai que “vinha de lá”.

Viu-se adolescente, com o olhar perdido no vazio enquanto os amigos riam.

Viu-se adulto, numa praia, segurando uma mulher pela mão, sentindo uma dor do vazio.

Cada cena trazia não só a imagem, mas a carga emocional, as vozes ocultas, os pensamentos não ditos, as promessas esquecidas.

- *Isso são os teus registros pessoais... - disse Al Hallaj - Mas agora verás algo maior.*

O cenário mudou. Omar foi conduzido a uma cidade de pedra e areia no meio do deserto. No chão, havia pegadas de sangue.

De longe, viu uma multidão. No centro dela, alguém caminhava acorrentado. Era Al Hallaj.

Mas algo estranho aconteceu: Omar sentiu-se dentro do corpo dele.

Podia sentir o peso das correntes nos pulsos, a areia quente sob os pés nus, o som dos insultos, mas em seu interior havia uma paz inabalável. Nenhum me-

do. Nenhuma raiva.

Só uma luz que cantava silenciosamente:

“Ó Todo de meu Todo...”

Flagelado, caído, mutilado... Omar sentia tudo. E, ao mesmo tempo, uma voz interior sussurrava:

“Quando o eu Pluralizado é morto e eliminado, a Essência se une com o Ser, com o íntimo”, e o mundo externo perde o poder de te ferir.

Ele compreendeu, num lampejo, o mistério do martírio: não era castigo, era alquimia. O sofrimento não era buscado, mas era aceito como portal. Ali, na carne que sangrava, o ego se dissolvia. Ali, no corpo esfacelado, a Alma de Diamante emergia.

- *É isso o que tu desejas?* - perguntou Al Hallaj, surgindo ao lado de si mesmo, em pleno martírio.

Omar hesitou. O desejo ardia, mas o medo também.

- *Tenho medo de não conseguir.*

O mestre colocou a mão em seu ombro.

- *A flecha nunca saberá se atinge o céu se não for lançada.*

Nesse momento, tudo ao redor se tornou fogo. Omar gritava, mas sem dor. O fogo não queimava sua alma, apenas derretia o que era falso.

Viu imagens dançando nas chamas: o orgulho escondido nas boas ações, a vaidade em seus conselhos sociais, a luxúria disfarçada de ternura. Cada forma se desfez sob o fogo como máscaras derretendo.

- *Esta é a primeira purificação... - sussurrou Al Hallaj - Haverá outras.*

Omar ajoelhou-se.

- *E a prática? O que mais devo fazer?*

- *Permanece. Persevera. Volta ao teu mundo, estuda e pratica. O acesso se repetirá. E quando a alma estiver pronta, os véus se abrirão sozinhos.*

Omar despertou lentamente. Estava deitado no chão, com a janela aberta e o som dos pássaros da manhã.

Não sabia quantas horas haviam passado. Mas algo dentro dele estava mais nítido, mais desperto. Parecia carregar dentro de não só as memórias, mas também um chamado.

Colocou-se de pé e olhou para as próprias mãos. Havia um leve tremor, mas

também uma firmeza nova. Sabia que estava apenas começando. Sabia que ainda seria testado. Mas agora lembrava-se de quem era.

Os dias seguintes foram estranhamente silenciosos. Omar implementava novas práticas aprendidas como o *pranayama* e a meditação. E persistia com a prática do mantra ISIS nas madrugadas, mas agora algo havia mudado. O fogo das visões cessara. Nenhuma nova viagem ao mundo *akáshico*, nenhum contato com Al Hallaj.

Mesmo assim, perseverava. Sentia que algo ainda agia, invisível, porém real, como uma semente crescendo em silêncio sob a terra. Foi então que vieram as provações. Surgiram de onde menos esperava.

De uma calma que existia em seu meio profissional, houve um grande embate desconcertante com um colega de trabalho, que tentara humilhá-lo publicamente por causa de uma falha num projeto que causara grande prejuízo. Omar sentiu a ira subir como um relâmpago interno: rápido, quente, mortal.

“Fale algo! Você está certo! Mostre quem você é!”

A voz do ego era clara. Mas outra voz, mais sutil, sussurrou: *“Deixe que o fogo limpe.”*

Omar respirou fundo. Silenciou. Aceitou a humilhação como um espelho. Depois, sozinho no banheiro do escritório, olhou-se nos olhos, no espelho, e disse:

- Al Hallaj, que eu também morra.

Naquela noite, voltou para casa em silêncio. Não buscou consolo nas distrações de costume. Apenas sentou-se... e chorou. Não era um choro de tristeza. Era um choro de esvaziamento.

Na segunda semana, uma ex-namorada reapareceu. Bela, intensa, cheia de magnetismo.

Falava de saudades, de “destino”, de “vidas passadas”. Tocava seu coração com ternura, despertando nele o desejo da fusão emocional e sexual.

Omar oscilou. Parte de si queria mergulhar. A outra sabia que aquilo era

um teste.

Na madrugada seguinte, durante a prática de cócoras, mal conseguiu manter a postura. As pernas tremiam, os pensamentos invadiam como enxames. A voz interior gritou: *“Você quer a Verdade ou o prazer?”*

Omar se sentiu miserável. Caiu de seu corpo no chão e gritou: *“Eu quero a Verdade! Mas não sou forte!”*

Um silêncio espesso tomou conta do quarto. Então uma brisa quente tocou seu rosto. Os olhos se fecharam sozinhos. A consciência foi absorvida num novo espaço.

Diante dele, Al Hallaj, novamente com o manto branco, sentado em posição de oração, cercado por um campo de luz suave.

- *Omar... agora sabes que o verdadeiro inimigo está dentro.*

- *Sinto vergonha, mestre.*

- *A vergonha é boa quando leva à vigilância. A flecha de Sagitário não é feita de ouro, mas de renúncia. Não é lançada com o arco do desejo, mas com a tensão da alma.*

Omar se ajoelhou.

- *Como continuar?*

- *Entenda: não é preciso ser forte. É preciso ser verdadeiro. Quando a alma se desnuda diante do Pai, até os erros se convertem em fogo purificador.*

O mestre ergueu uma mão e, entre seus dedos, uma flecha de luz apareceu. Tinha três pontas: Vontade, Amor e Morte.

- *Esta é a flecha do Iniciado. Não fere os outros. Fere o eu. Aquele que a lança jamais volta a ser o mesmo.*

A flecha se dissolveu no ar. E, em seu lugar, um novo cenário se abriu.

Omar viu-se no meio de uma praça. Centenas de pessoas ao redor. Ele, de pé, com as mãos amarradas. Era outro tempo, outro corpo - mas sua alma estava ali.

O carrasco se aproximava. A multidão gritava. Mas Omar olhava para cima, com os olhos fixos num ponto invisível. No coração, apenas uma frase:

“Ó Todo de meu Todo...”

O aço da espada cortava o ar. Mas antes de tocar a carne, tudo desapareceu...

De volta ao quarto, Omar respirava com dificuldade. O coração disparado. Mas

dentro dele, uma paz sólida, como rocha sob a tempestade.

O celular vibrava. Mensagens, compromissos, cobranças.

O mundo seguia. Mas Omar já não era mais só um homem.

Era agora um arqueiro desperto, com a flecha cravada no próprio peito.

Sabia que a clarividência não era para “ver” o futuro. Era para lembrar da verdade que sempre esteve ali. Sabia que o poder da prática não era para “sentir sensações”, mas para derreter os véus. E sabia, sobretudo, que Al Hallaj vivia dentro - não como imagem, mas como força.

Naquela noite, antes de dormir, escreveu no diário:

“O centauro que eu era já não domina meu corpo. Ainda relincha, ainda resiste. Mas já não comanda. Aos poucos, o arqueiro toma as rédeas.”

“O fogo ainda arde. Mas agora sei: é um fogo sagrado.”

E, com um suspiro de alma, Omar adormeceu, enquanto, ao longe, os ecos do deserto sagrado murmuravam:

“Ó minha morada... Ó meu alimento... Ó meu Tudo...” ■

Baseado nos livros de Samael Aun Weor
Os Corpos Solares - Capítulo 37 - “A Paixão de Al Hallaj”

Tratado Esotérico de Astrologia Hermética –
Capítulo 9 - Sagitário

PRATICAI! PRATICAI! PRATICAI, o Giro Derviche

EXERCÍCIO DE LAMASERIA nº 1

O estudante se coloca em pé, com os braços abertos em forma de cruz, de lado a lado. Em seguida, começará a dar voltas, a girar no sentido em que giram os ponteiros do relógio. É claro que os chacras também girarão com alguma intensidade ao se realizar este exercício depois de algum tempo de prática.

Temos que fazer de conta que estamos parados no centro de um relógio e giramos igual aos ponteiros, até completar 12 voltas. É claro que alguns começarão com poucos giros, até chegar o dia de fazer os 12. Os giros são feitos com os olhos abertos; quando os giros terminam, fecham-se os olhos para não cair, pois ao terminar fica-se um pouco tonto, dependendo dos giros que se consiga dar. Tem que se chegar a fazer o exercício completo, isto é, 12 giros.



O discípulo permanecerá com os olhos fechados até que a tontura tenha desaparecido. Entretanto, continuará suplicando, rogando e implorando à Mãe Divina para que suplique a seu Divino Esposo, que rogue a ele para que conceda a cura de tal ou qual órgão enfermo. O discípulo estará plenamente identificado com o Logos, suplicando intensamente à Mãe Divina para que Ela interceda por ele diante do Logos.

Girando sobre si mesmo 12 voltas, no mínimo, no sentido dos ponteiros do relógio.

Ref.: “Exercícios de Lamaseria”, Samael Aun Weor. Cap. VIII. Editora IGA Fênix. 2022.

BEIJOS

Por Sandro Barbosa (IGA Barreiras/BA)

Como é encantador ver vidas
Atraídas pelo ímã do amor,
Mesclando-se com beijos
Em aconchegos e fervor.

O Sol beijando a lua com sua luz radiante,
Mares, as praias em ondas espumantes,
Vulcões em beijos ígneos no corpo da terra,
Rios e riachos osculando e alisando pedras.

Beijos soprados pela ventania,
Beijos trocados entre noite e dia,
Beijos saudosos antes da partida,
Beijos selados para toda vida.

Tudo pelo amor se atrai
E se consubstancia com o beijo,
Nada existindo que não caia
Na sedução desse desejo.

Infinitos são seus tipos:
Os dados enlaçados em abraços,
Os sonhados com o amor perfeito,
Os desejados em segredo.

Beijos dados com ardor,
Os que são motivos de alarde,
Os encenados em peças de amor,
Os que são pura falsidade.

Existem os inspirados nos romances,
Os que deixam os corações desnorteados,
Os trocados na fervura do prazer
Pelos amantes apaixonados.

Beijos de lembranças, dados à distância,
Beijos de ternura, vindos das crianças,
Beijos de mãe que nos acalentam,
Beijos de Judas que nos fragmentam.

Se o olhar é a expressão da Alma,
Se o abraço é o laço da ternura,
Podem ser os beijos dita ou desventura,
Elos do amor ou prendas da loucura.

Os beijos do amor emanados
Unificam pelo fogo corpo e Alma,
Rejuvenescem e alegram
O coração do ser amado.

Possuem o sagrado poder
De consolidar a castidade,
De reconduzir os que se amam,
Pela mescla dos seus lábios, à Divindade.

Os beijos da paixão, ao contrário,
São como fogos de palha,
Aquecem por certo tempo,
Mas logo viram fumaça,
Deixando só tristeza
Na Alma machucada.

Beijos! Como algo tão conhecido
Pode guardar tantos segredos,
Ser do amor o seu princípio
E da paixão o seu enredo?!



Escultura "O Beijo", de Auguste Rodin

ARTE: O REI MARAVILHOSO

Por Ana Reis - IGA-Canoas/RS, Curitiba e CRE II/PR

“O mais inefável do misticismo maometano é o sufismo persa. Este tem o mérito de lutar contra o materialismo e o fanatismo, assim como a interpretação à letra morta do Corão.”
Samael Aun Weor



*“Era uma vez um rei cujo fascínio era incomparável no mundo da beleza. A auro-
ra era um raio da luz de seu rosto, o anjo Gabriel uma emanção de seu perfume.
O reino de sua beleza era o Corão de seus segredos, e seus olhos, os versícu-
los. Ignoro se alguém teve, alguma vez, força de manter os olhos neste príncipe
de beleza tão consumada. O mundo in-*

*teiro celebrava sua fama, e seu amor era sentido com violência por todas as criaturas. Quando saía em seu cavalo pelas ruas da cidade, mantinha o rosto coberto com um véu escarlate. Aqueles que, em seu caminho, olhavam este véu, ainda que inocentes, perdiam a cabeça, e os que pronunciavam o seu nome emudeciam para sempre. Assim todos os que so-
nhassem ter com ele alguma proximidade entregavam inevitavelmente, por isso, seu espírito e sua alma ao vento. Num só dia morriam milhares de pessoas do pesar causado por seu amor. Eis aqui o amor e seus efeitos.*

A fim de ver manifestamente a beleza deste príncipe, dava-se voluntariamente a vida e morria-se acreditando ser melhor morrer de paixão pela face desse ser encantador do que viver com longas vidas longe dele. Com relação a ele, ninguém conseguia resignar-se à paciência, ninguém tinha forças para isso. Os homens pereciam em sua busca; coisa admirável! Não podiam nem suportar sua presença nem passar sem ele! No entanto, se alguém, por um instante, mantinha o olhar sobre o rei, ele mostrava então seu rosto, enquanto os que não tinham coragem de olhá-lo contentavam-se em ouvi-lo; mas, ouvindo-o, experimentavam novamente a dor do desejo de vê-lo. Não havia ninguém digno dele, e todos morriam com o coração cheio de pesar causado por seu amor. Em consequência disso, o rei ordenou que fizessem um espelho para que se pudesse ver, ao menos indiretamente, seu rosto. O rei ia então ao alto de seu palácio e olhava neste espelho, e seu rosto refletia-se de forma a que cada um pudesse vê-lo.”

Encontramos esta história singular no livro **“A Linguagem dos Pássaros”** de Farid ud

-Din Attar, escrito entre os séculos XI e XII. Uma obra de arte iluminada pela mística sufi, em que o ritmo da palavra e o conteúdo metafísico transmutam nosso pensamento comum, elevando-o à linguagem do coração, cumprindo com o objetivo maior do sufismo, que é encontrar um caminho para o encontro com o divino e assim lograr a união com Ele. O poema Mantic Ut-tair – A Linguagem dos Pássaros foi e ainda é muito apreciado no Oriente, haja vista a quantidade de manuscritos produzidos. Um dos mais conhecidos pertence ao século XV, foi caligrafado pelo sultão Ali Mashhadi e ilustrado, provavelmente, por Kamal al-Din Bihzad, hoje é parte do acervo do Museu Metropolitano de Nova York.



A história começa com o discurso da Poupa – uma pequena ave que tinha “inscrito no bico o nome de Deus”, proferindo a seguinte questão:

Não há no mundo um país sem rei; como pode ser então que os pássaros não tenham um para governá-los?

Movidos pela inquietante pergunta, os pássaros começam a considerar a hipótese de partir em busca de um rei. Attar desenvolve sua história contando o envolvimento dos pássaros na execução desse projeto, os desafios e a escolha de uma liderança para guiá-los ao encontro do “Simorg”. A viagem não era fácil, por isso muitos iam desistindo, alguns antes mesmo de começar, cada qual com sua justificativa – e a isto, a Poupa respondia com uma lição, sustentada por parábolas e histórias alegóricas, na tentativa de encorajá-los a seguir em frente por mais difícil que pudesse parecer. Após ouvirem todo o discurso da Poupa, os pássaros decidiram pôr-se a caminho. Porém, dentre os milhares, muitos submergiram no oceano, outros desapareceram, morreram de sede, queimaram-se com o calor do sol ou pereceram fatigados pelo esforço do voo. Somente uns poucos chegaram com muita dificuldade à meta, **apenas trinta pássaros encontraram-se com o “Rei”**. Naquele momento perceberam a sua própria imagem refletida nele e compreenderam que eles e o “Simorg” eram um só, então pediram que lhes desvelasse o “mistério da pluralidade e da unidade dos seres”.

“Faz de tua alma um espelho para ver nele o esplendor do Amigo. Ele é teu rei, e Seu castelo de glória brilha pelo sol de beleza que nele habita. Esse castelo é o teu coração; procura nele e verás, manifestado em cada átomo, o Seu trono”. Finalmente, os pássaros aniquilaram-se para sempre no “Simorg”. *“A sombra perdeu-se no sol, e eis tudo.”*

Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

Mateus 22:14

Observação: *SI-MORG* significa 30 pássaros. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ATTAR, Farīd ud-Dīn. A Linguagem dos Pássaros, São Paulo : Attar, 2018.
- AUN WEOR, Samael. O Matrimônio Perfeito. Recife : IGA Fênix, 2015.
- Bíblia Sagrada. Novo Testamento.

Perfil - Missionários do IGA Brasil



Nomes Completos: Josafá Ferreira Barros e Maria Elizabeth de Araújo Barros

Estado Civil: Casado.

Missionário de (cidade/grupo):

Recife, Vitória de Santo Antão e Gravatá, todos em Pernambuco.

Quando conheceram a Gnosis:

Em maio de 1981.

Como tiveram contato com este ensinamento? - Através do Convite de um amigo para uma conferência sobre Gnose.

Em que ano realizaram o Curso de Missionário Gnóstico? - Elizabeth em Setembro de 1993 e Josafá em Setembro de 1996, ambos no Monasterio de Guadalajara, em Jalisco/México.

Atividades realizadas no IGA Brasil:

Iniciamos na AGEACAC (Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos e Ciências – Ação Civil), pois ainda não existia o IGA (Instituto Gnóstico de Antropologia). Fizemos curso local de instrutor, promovemos sete encontros anuais na casa da praia em feriados longos, promovíamos

conferências públicas em Recife e nas cidades do interior.

Fizemos parte da fundação do IGA e estamos na Coordenação Nacional e Secretaria Nacional do Triunvirato e na Direção do I Centro de Retiro Espiritual no Cabo de Santo Agostinho.

O que causou impacto em vocês neste caminho? - Foi o trabalho com os Três Fatores, objetivando o despertar da Consciência e a força do ensinamento na vida matrimonial.

Mensagem para o povo gnóstico:

O amor e a dedicação ao trabalho interior é a chave mestra para vencermos as provas e as tentações do dia a dia. Vigiai e Orai, para que a fidelidade aos ensinamentos dos nossos Gurus sejam sempre presentes em nossos corações.

Um abraço fraterno.

Josafá e Elizabeth Barros^(*).

^(*)NOTA: Nossa querida Missionária Elizabeth desencarnou em 20/07/25.



Matéria publicada na Revista Maitreya 09 de out-dez/2009.

Carta para Minha Amada

Paulista, 18 de setembro de 2025.

Minha querida Elizabeth, querida esposa neste mundo tridimensional e, agora, essência livre no plano causal.

Quero através desta oportunidade agradecer pelos mais de 50 anos de convivência.

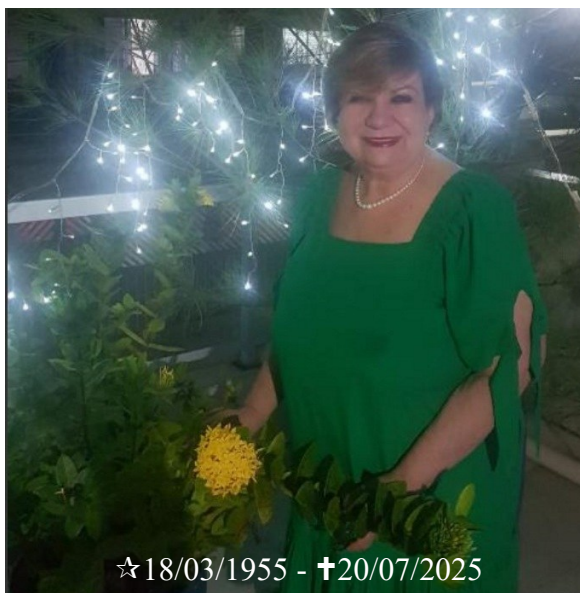
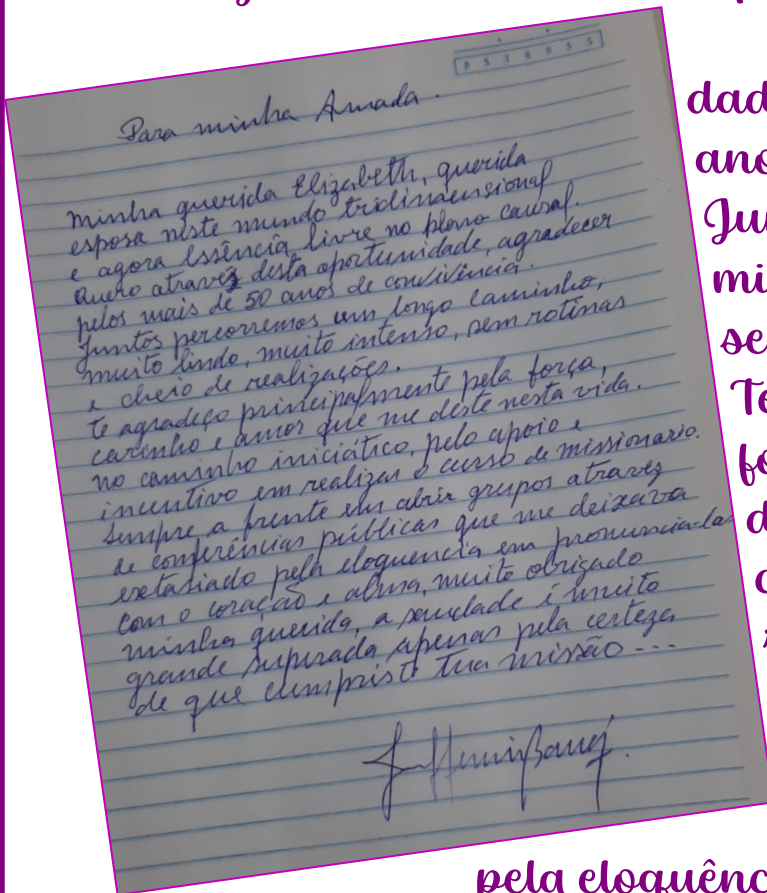
Juntos percorremos um longo caminho, muito lindo, muito intenso, sem rotinas e cheio de realizações.

Te agradeço principalmente pela força, o carinho e o amor que me deste nesta vida. No caminho iniciático, pelo apoio e incentivo em realizar o curso de missionário.

Sempre à frente de abrir grupos através de conferências públicas, o que me deixava extasiado

pela eloquência em pronunciá-las com o coração e a alma. Muito obrigado, minha querida, a saudade é muito grande, superada apenas pela certeza de que cumpriste tua missão...

Josafá Ferreira Barros



☆18/03/1955 - †20/07/2025



O EREMITA e O REGRESSO

(Arcano Nº 9 e 22)

Por Samael Aun Weor



DESCRIÇÃO DA LÂMINA – Neste arcano encontramos, nas águas da vida, uma Lua subindo. Na parte do meio, um velho Ermitão caminha segurando, em sua mão esquerda, a lâmpada que lhe indica o caminho, é a lâmpada de Hermes, a sabedoria. Com a sua mão direita, apoia-se no bastão dos patriarcas, que representa a coluna espinhal com as suas 7 igrejas.

O Ermitão, prudente e sábio, está coberto com o manto protetor de Apolônio, que simboliza a prudência. Atrás dele encontra-se a palmeira da vitória.

Na parte superior, um Sol que brilha com

três raios, indicando as três forças primárias, desce para se unir com a Lua. A Lua sobe, e o Sol desce, o que indica que necessitamos transformar a Lua em Sol por meio da transmutação, converter, com o Arcano A.Z.F., os corpos lunares em solares.

O Arcano nº 9 indica claramente as 9 esferas dos infernos atômicos da natureza e as 9 esferas dos 9 céus. Este arcano também assinala os 9 planetas representados nas 9 esferas do planeta Terra.

O iniciado tem que descer às 9 esferas submersas para depois ganhar os 9 céus correspondentes a cada planeta.

SIGNIFICADO ESOTÉRICO DO ARCANO – O Arcano nº 9 é o Ermitão, a solidão. Este arcano, na forma mais elevada, é a Nona Esfera, o sexo.

Nos tempos antigos, a descida à Nona Esfera era a maior prova para a suprema dignidade do hierofante. Hermes, Buda, Jesus Cristo, Zoroastro, Dante etc., e muitos outros grandes iniciados, tiveram que passar pela prova máxima, descer à Nona Esfera para trabalhar com o fogo e a água, origem de mundos, animais, homens e deuses. Toda a autêntica iniciação branca começa por aí.

Na Nona Esfera ou nono extrato da Terra, no centro da Terra, no próprio coração da Terra, encontra-se, resplandecente, o signo do infinito. Este símbolo tem a forma de um oito. O signo do Infinito é o Santo Oito. Neste signo estão representados o coração, o cérebro e o sexo do Gênio da Terra. O nome secreto desse gênio é Changam.

O Zohar nos adverte, de forma enfática, que no fundo do abismo vive o Adão Protoplastos, o princípio diferenciador das almas. Com esse princípio temos que nos desafiar em uma luta de morte. A luta é terrível, cérebro contra sexo, sexo contra cérebro, e o que é

mais espantoso e doloroso é a questão do coração contra coração.

É óbvio que todas as forças giram sobre a base do Santo Oito os seres humanos. Aquele que quiser entrar na “cidade das nove portas”, mencionada no “Bhagavad-Gita”, deve decidir-se a descer à Forja Acesa de Vulcano.

No organismo humano, a Nona Esfera é o sexo; aquele que quiser se autorrealizar tem que descer à Nona Esfera para trabalhar com a água e o fogo, para chegar ao Segundo Nascimento.

Na Nona Esfera encontra-se a Forja Acesa de Vulcano (o sexo). Ali, Marte desce para retemperar a sua espada flamígera e conquistar o coração de Vênus (a Iniciação *Venusta*); Hércules, para limpar os estúbulos de Águas (o submundo animal); Perseu, para cortar a cabeça da Medusa (o “Eu” psicológico ou Adão terreno), com sua espada flamígera. E essa cabeça semeada de serpentes deve ser entregue à Minerva, a Deusa da Sabedoria, pelo estudante esotérico.

Nove meses permanece o feto dentro do ventre materno, e são necessárias nove idades no ventre de Reia, Tonantzin, Cibelles, ou seja, da Mãe Natura, para que nasça uma humanidade planetária. Assim também, é óbvio que há que se descer à Nona Esfera para poder se gerar e conseguir o Segundo Nascimento.

Jesus disse a Nicodemos: “É necessário que nasças de novo para poderes entrar no Reino dos Céus” (João 3:1-15). Quer dizer, fabricar os corpos solares; ninguém pode entrar no Reino se estiver vestido com farrapos lunares. É necessário fabricar os corpos solares, e isto somente se consegue “transmutando a energia criadora”. Na teogonia egípcia esses corpos solares estão representados pelo *Sahu* egípcio. Ninguém tem o direito de se sentar à mesa dos anjos se não estiver vestido com os

corpos solares. Temos que fabricar o *To Soma Heliakon*, o corpo de ouro do homem solar.

Está escrito que: **“estreito é o caminho que conduz à luz”. Aquele que quiser seguir o caminho: “negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me” (os três fatores da Revolução da Consciência: Morrer, Nascer e Sacrifício).**

Aquele que quiser se autorrealizar deve estar disposto a renunciar a tudo: riquezas, honra, paz, prestígio; deve dar seu próprio sangue”.

Deve ter um centro de gravidade, um centro de consciência permanente. Todos nós, seres humanos, não somos mais do que máquinas controladas pelos nossos “Eus” (o “Ego” é plural), estamos colocados numa situação desvantajosa; isto significa superesforços e matar o “Eu”. Esse “Ego” é o Mefistófeles, é a raiz de todos os nossos sofrimentos e dores e vive em função do seu próprio condicionamento. Devemos reduzi-lo à poeira cósmica para ter uma consciência desperta, para poder ver a Senda.

Por saber, entende-se: ver, ouvir e tocar as grandes realidades.

É necessário entender o que significa o “fundo do abismo”; quando se diz descer ao fundo do abismo, isso é real. Ao descer à Nona Esfera, pela Lei das Concomitâncias ou das Relações, entramos em concordância com o organismo planetário em que vivemos; aquele que trabalha na Nona Esfera desceu ao fundo do seu aspecto real; se aquele que está trabalhando desencarnasse, veria que vive realmente nessa região (a Nona Esfera é o centro da Terra); certamente, aquele que tivesse despertado a consciência se daria conta disso. Há que se advertir o neófito de que na Nona Esfera existe a “suprema dor”, tal como afirma Dante em “A Divina Comédia”; nos



condenados, as lágrimas transbordaram os seus olhos, em outros, as águas sobem até os seus órgãos criadores.

É preciso saber entender, é preciso saber aprender a sofrer, a ser resignado. Aqueles que não o são fracassam, é como um furor, é algo paradoxal querer encontrar felicidade na Nona Esfera. Isso seria absurdo, pois a autorrealização íntima é custosa, tem um preço, talvez a própria vida.

Por acaso Hiram Habiff não foi assassinado e procurado por “27 Mestres” que, somando cabalisticamente, são: $2 + 7 = 9$?

Na Nona Esfera há grandes dores até que, por fim, a pessoa chega ao Segundo Nascimento. Quando Jesus disse a Nicodemos que teria que nascer de novo, ele não entendeu. Jesus, sim, conhecia o grande mistério. E alguém sairá alguma vez da Nona Esfera? Sim, quando alcançar o Segundo Nascimento.

Depois de ter criado o *To Soma Heliakon* na Forja dos Ciclopes (o sexo), tive então que passar algum tempo em profundas re-

flexões. Na residência do Amor, no templo dos “duas vezes nascidos”, encontrei outros irmãos e irmãs que também tinham trabalhado intensamente na Forja Acesa de Vulcano (o sexo); todos eles resplandeciam gloriosamente entre os divinos e indescritíveis encantos da Sexta-Feira Santa. Reunimo-nos para comentar as lutas e os sofrimentos, tínhamos saído vitoriosos, mas tudo isto é o princípio dos princípios, o fundamento dos fundamentos, há algo mais para além disto e torna-se necessário que vós sejais informados.

Se um daqueles “duas vezes nascidos”, ou alguém que tenha chegado ao *Adeptado*, pretendesse chegar ao estado angélico, teria que descer outra vez ao poço profundo do universo, à Nona Esfera, e, uma vez concluído o trabalho, subir pela escadaria ou escala de Lúcifer, para alcançar o estado angélico. Se quisesse ser um Arcanjo, um Principado, um Trono ou um Querubim, tem que proceder do mesmo modo; descer para, em seguida, subir.

É preciso entender e distinguir o que é uma queda e o que é uma descida; aquele que já foi decapitado não pode ser decapitado outra vez. Na véspera de entrar no Absoluto tem-se que descer à Nona Esfera.

Quando se chega ao “segundo nascimento”, o sexo torna-se proibido e já não se usará o sexo quando se quer, mas sim porque se recebe uma ordem da Fraternidade Branca, da Ordem Sagrada, ou do Pai que está em segredo; e se receber a ordem de descer ao poço do abismo, há que se obedecer; isto não é prazer, senão dor e sacrifício.

Pela escadaria luciférica há que se descer e sofrer; precisamos nos converter em Mestres, tanto das forças superiores como das inferiores. O Pai que está em segredo ordena o que deve ser feito; desce-se somente quando se recebe uma ordem.

Somente aquele que cai perde os seus graus iniciáticos, não aquele que desceu.

Concluído o trabalho, recebem-se as ordens e já não se faz uso do sexo de forma caprichosa. O Pai é o dono deste ato, e do Pai tem que vir a ordem. O sexo não pertence à pessoa, mas ao Pai.

A Lei de Leviatã é a daquele maçom que já passou por todos os trabalhos ou graus esotéricos, e como já foi decapitado, não pode ser decapitado outra vez, não pode sofrer qualquer dano, nem de cima nem de baixo, vive em sintonia com a grande lei. Este é o conhecimento superior da maçonaria esotérica.

Primeiro faz-se a sua vontade caprichosa, depois se tem que fazer a “vontade do Pai”. Quando já não se tem “Ego” a maldade desaparece e sabe-se fazer apenas a “vontade do Pai”, ele é o nosso verdadeiro Ser, é o Ancião dos Dias, está mais além de *Atman*; quando ele ordena, suas ordens devem ser cumpridas.

A pessoa vem a se libertar da Nona Esfera quando se converte em um *Paramarthasyas* (habitante do Absoluto), então sub-mergirá na felicidade abstrata. Mas antes de ir para lá, haverá uma humilhação; a pessoa necessita tornar a descer, senão viola a Lei de Leviatã, o Selo de Salomão.

No Apocalipse da Santa Bíblia também encontramos os mistérios da Nona Esfera:

E ouvi o número dos selados: cento e quarenta e quatro mil selados, de todas as tribos dos filhos de Israel.

(Ap 7:4)

Somando cabalisticamente os números entre si, teremos o número nove: $1 + 4 + 4 = 9$, a Nona Esfera, o sexo. Somente serão salvos aqueles que tiverem chegado à castidade absoluta.

E olhei; e eis que o Cordeiro estava sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome de seu Pai.

(Ap 14:1)

O Monte de Sião são os mundos superiores,

os números são quantidades simbólicas e se decompõem cabalisticamente assim: $1 + 4 + 4 = 9$. Nove é a Nona Esfera, o sexo. Somente com o Grande Arcano podemos ser salvos e receber o nome do Pai na testa. O povo de Sião é o povo espiritual de Deus. Este povo é formado por todos aqueles que praticam a Magia Sexual (o povo da castidade).

Referindo-se à Nova Jerusalém, diz:

E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que era a de um anjo”.

(Ap 21:17)

$144 = 1 + 4 + 4 = 9$, o sexo. O 9 é medida do homem, a qual é a do anjo. Nove meses permanecemos no ventre materno. Somente na Nona Esfera pode nascer o Filho do Homem. Não se conheceu jamais um anjo que não tenha nascido da Nona Esfera.

Aquele que quiser cortar a cabeça da Medusa (o “Eu”) deve descer à Nona Esfera.

Aquele que quiser encarnar o Cristo tem que descer à Nona Esfera. Aquele que quiser dissolver o “Eu” deve descer à Nona Esfera. A Nona Esfera é o *Sanctum Regnum* da onipotência divi-na do Terceiro Logos. Na Nona Esfera encontramos a Forja Acesa de Vulcano.

Todo “aprendiz” que trabalha na Grande Obra deve apoiar-se em seu báculo, se iluminar com a sua própria lâmpada e se cobrir com o seu manto sagrado. Todo “aprendiz” deve ser prudente. Se quereis encarnar o Cristo, sede como o limão. Fugi da luxúria e do álcool. Matai as mais íntimas raízes do desejo.

Abundam estudantes esoteristas que, equivocadamente, afirmam existir muitos caminhos para chegar a Deus, mas o divino e grande Mestre Jesus disse:

Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à luz, e são muito poucos os que o encontram. (Mt 7:14)

Se o estudante esotérico esquadrinha pacientemente tudo o que está nos quatro Evangelhos poderá comprovar por si próprio

que Jesus jamais disse que existiam muitos caminhos.

O Adorável Salvador do Mundo falou somente de uma só porta estreita e de um só caminho, apertado e difícil. E essa porta é o sexo! E esse caminho é o sexo! Não há outro caminho para chegar a Deus. Jamais se conheceu, em toda a eternidade, algum profeta que tenha conhecido outra porta que não o sexo.

Alguns estudantes esotéricos equivocados, confusos, errados, rejeitam estes Ensina-mentos e afirmam que Pitágoras, Zoroastro, Jesus e outros Iniciados eram celibatários e que nunca tiveram mulher.

Em todos os templos de mistérios existiram vestais sagradas. Os materialistas, os desrespeitosos, os mal-intencionados, pretendem arbitrariamente chamá-las de prostitutas sagradas; entretanto, essas vestais eram verdadeiras virgens iniciadas, virgens esotéricas, ainda que seus corpos já não fossem fisiologicamente de virgens.

Os iniciados do templo, Pitágoras, Zoroastro, Jesus Cristo e todos os antigos iniciados, sem exceção, praticaram realmente o Arcano A.Z.F. com as vestais do templo. Somente na Forja Acesa de Vulcano esses grandes iniciados puderam retemperar as suas armas e conquistar o coração de Vênus.

O REGRESSO (Arcano Nº 22)

Este arcano é a Coroa da Vida, o regresso à Luz, a encarnação da verdade em nós mesmos.

Diz o Apocalipse: "Sê fiel até à morte e eu te darei a coroa da vida". Indubitavelmente isto merece ser estudado profundamente, recordemos a coroa dos santos. Na glândula pineal existe a Igreja de Laodiceia; na época dos Hiperbóreos existia uma Virgem com esse nome, que levava as oferendas a Delos ou Delfos, a antiga Grécia.

Este arcano representa uma coroa que



tem muitos raios, é o próprio chacra *Sahasrara*, situado na glândula pineal. Quando o fogo sagrado da *Kundalini* chega à pineal, põe em movimento esse lótus de mil pétalas.

Aprofundando mais, devemos saber que a Mãe *Kundalini* vem a desposar o Espírito Santo na glândula pineal. O Espírito Santo é o Terceiro Logos ou Vulcano da mitologia grega, é o *Mahachohan*, em tibetano. A *Kundalini* se desenvolve, evolui e progride dentro da aura do *Mahachohan*. Assim, pois, na glândula pineal vibra intensamente o *tattwa* sagrado de *Shiva Shakti*, quer dizer, a Divina Mãe *Kundalini* e o Terceiro Logos (*tattwa* é a vibração do Éter).

A santidade absoluta não pode ser conseguida até que se acabe completamente com os três traidores que assassinaram Hiram Abiff, que é o Mestre construtor do Templo de Salomão.

Sebal: o demônio do Desejo (Apopi, Judas)

Hortelut: o demônio da Mente (Hai, Pilatos)

Stokin: o demônio da Má Vontade (Neft, Caifás)

O objetivo do nosso estudo é deixar de ser demônios.

1 - Judas é o demônio do Desejo. É um demônio terrivelmente perverso e todo mundo o tem. Todos somos demônios, e deixar de o sê-lo corresponde somente aos mistérios iniciáticos. Temos que começar por reconhecer que somos demônios;

2 - Pilatos é o demônio da Mente; este sempre lava as mãos e continuará a fazê-lo;

3 - Caifás é o demônio da má vontade, aquele que não faz a vontade do Pai é desobediente. Há que se fazer a vontade do Pai aqui e nos mundos internos.

“Os que estão adormecidos devem fazer a Vontade do Pai”. A vontade do Pai se faz:

Se há reto pensar;

Se há reto sentir; e

Se há o reto agir.

Se fazemos algo equivocado, não é a vontade do Pai.

Concluindo, há que se eliminar totalmente e que não reste dentro de nós nenhum elemento subjetivo, para ficarmos em espírito puro como Gautama, o Buda, que por isso é chamado de O Grande Iluminado. Para se chegar a isso é preciso pagar, e o preço disto é a própria vida.

As vaidades do mundo devem ser esquecidas, há que se dedicar à Grande Obra e a trabalhar, trabalhar e trabalhar até conseguir isto.

Isto não é uma questão de evolução ou involução, estas são duas leis cósmicas da natureza. Deve-se fabricar os corpos solares e dissolver o “Ego”; eu vos falo por experiên-

cia, não por teorias, conheço os mistérios egípcios, os mistérios tibetanos, os mistérios da Lemúria, porque estive no continente Mu, conheço os mistérios hiperbóreos. Se explico o caminho é para que o sigam. Só se pode ensinar com idoneidade.

Síntese:

- Samael Aun Weor, o autêntico e legítimo Avatara da Nova Era de Aquário, declaro que todas as ciências do universo se reduzem à Cabala e à Alquimia.

- Aquele que quiser ser mago tem que ser alquimista e cabalista.

- Há magos negros que ensinam aos discípulos uma magia sexual negativa, durante a qual ejaculam o licor seminal.

- Esses cultos fálicos foram praticados pelos malvados magos negros Cananeus e pelos feiticeiros de Cartago, Tiro e de Sidón; foram praticados pelos magos negros Lêmures-Atlantes para bajularem os demônios.

- Essas cidades foram reduzidas a pó, e todos esses malvados entraram no Abismo.

- Quando o homem derrama o sêmen, recolhe dos mundos submersos milhões de átomos demoníacos que infectam nosso cordão *brahamânico* e nos afundam dentro dos nossos pró-prios infernos atômicos (o mesmo com a mulher, se chega ao orgasmo).

- Com a Magia Sexual, os três alentos do Akasha Puro ficam reforçados.

- Mas, se o homem ejacula o sêmen, esses três alentos farão descer a *Kundalini* para baixo, para os infernos atômicos do homem. Essa é a cauda de Satã.

- Nenhum discípulo deve derramar nem sequer uma gota de sêmen.

- Aqui entrego à humanidade a chave de todos os Impérios do Céu e da Terra, porque não quero ver mais este triste formigueiro humano sofrendo tanto.■

Bibliografia: “A Senda Iniciática nos Arcanos do Tarô e Cabala” - Samael Aun Weor. Editora IGA FÊNIX. 2023.



Samael, responde!

1 – Há ensinamentos do tipo esotérico nas danças dos Dervixes Dançantes?

R – As danças sagradas dos dervixes dançantes, tanto na Pérsia como na Turquia etc., constituem, no fundo, um culto ao fogo. É lastimável que as autoridades de Ancara, presumindo-se muito civilizadas, tenham proibido as danças públicas dos dervixes dançantes. Os dervixes imitam maravilhosamente o movimento dos planetas do sistema solar ao redor do sol. As danças dos dervixes estão intimamente relacionadas com a espinha dorsal e os fogos sexuais. Jamais devemos esquecer que a serpente se deleita com a música e com a dança, como já foi demonstrado no Egito e na Índia com os encantadores de serpentes. Estes tocam

sua flauta maravilhosa, e as serpentes encantadas dançam.

Bibliografia: “O Matrimônio Perfeito”, - Samael Aun Weor. Capítulo 28; Editora IGA Fênix. 2ª Edição - 2023.

2 – O Sufismo é Maometano?

R – O mais inefável do misticismo Maometano é o sufismo persa. Este tem o mérito de lutar contra o materialismo e o fanatismo, assim como contra a interpretação à letra morta do Corão. Os sufis interpretam o Corão do ponto de vista esotérico, assim como nós, os gnósticos, interpretamos o Novo Testamento. O que mais desconcerta os ocidentais é a estranha e misteriosa mistura do erótico com o místico na religiosidade oriental e na mística sufi.

Bibliografia: Idem anterior. Cap. 25



3 – Venerável Mestre, quando se fala da árvore da ciência do bem e do mal, o que significam realmente o mal e o bem?

R – Quero que saibam, amigos, que o bem, no sentido mais objetivo da palavra, é tudo aquilo que fazemos conscientemente e de acordo com a grande Lei e que o mal é tudo aquilo que, depois de feito, produz remorsos em nós. *Bibliografia: “Sim, há inferno! Sim, há diabo! Sim, há carma!” - Samael Aun Weor, capítulo XVII. Editora IGA Fênix - 1ª Edição, 2024.*

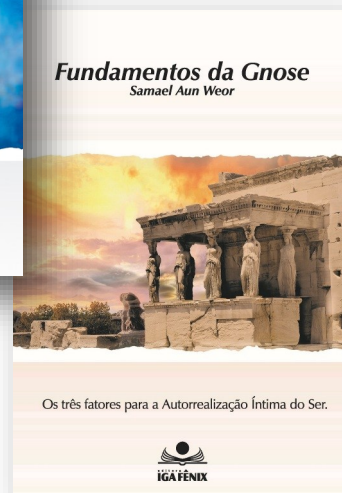
4 – O Mestre Samael fala, em seus livros, que ele é o quinto anjo dos sete, quem são os outros?

R – O primeiro Anjo é o governante da Lua, e se chama Gabriel. O segundo Anjo é Rafael, o espírito planetário de Mercúrio. O terceiro é Uriel, o regente de Vênus. O quarto é Miguel, o regente do Sol. O quinto é Samael, minha mônada, que se encontra localizada no centro de

gravidade de Marte; eu sou seu *Dyani Bodhisattva Samael*...

O sexto é Zacariel, o regente de Júpiter. O sétimo é Orifiel, o regente de Saturno. Estes são os “Sete diante do Cordeiro”.

Bibliografia: “Fundamentos da Gnose”, Samael Aun Weor. Sexta Conferência; Editora IGA Fênix 2ª Edição. 2017.



O QUINTO EVANGELHO

ONTEM E HOJE

Estudo do Evangelho Apócrifo de São Tomé à luz dos ensinamentos de Samael Aun Weor (Missionários e Estudantes 2ª Câmara do IGA Rio das Ostras/RJ)

O Evangelho de Tomé é considerado por alguns teólogos o "quinto evangelho" porque complementa os quatro evangelhos canônicos e é visto como próximo dos ensinamentos originais de Jesus.

O Evangelho de Tomé é uma lista de 114 ditos atribuídos a Jesus. Alguns são semelhantes aos dos evangelhos canônicos, mas outros eram desconhecidos até a descoberta de um manuscrito copta em Nag Hammadi em 1945.

Estudiosos sustentam que o Evangelho de Tomé é o mais próximo dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e da Igreja primitiva.

O Evangelho de Tomé se refere às palavras se-

cretas de Jesus, denominado "Vivente", que teria proferido a Tomé, o Gêmeo. É considerado o "quinto evangelho" porque complementa os quatro evangelhos canônicos.

Apresentamos a proposta de um estudo do referido tesouro do cristianismo primitivo-gnóstico que tangencia a proposta revolucionária do Avatar de Aquário Samael Aun Weor. O primeiro, representando a "logia" de Jesus, presente nos aforismos de inspiração gnóstica e o segundo, a Obra do Avatar de Aquário, que desvela os Arcanos do Cristianismo Esotérico.

Aforismo II

“Aquele que busca, continue buscando até que encontre. Quando encontrar, ficará perturbado. Quando se perturbar, ficará maravilhado, e reinará sobre o Todo”.

O aforismo em questão delineia um caminho de quatro etapas: a busca, a perturbação, a maravilha e, finalmente, o domínio.

A Busca Contínua

A busca é o ponto de partida, o primeiro passo em direção ao conhecimento e à autorrealização. A gnose *samaeliana* enfatiza a necessidade de uma busca incansável, que transcende a mera fé ou o pertencimento a uma seita. Como o V.M. Samael Aun Weor afirma em "O Colar de Buda", **“Jesus disse a seus Discípulos: NÃO deixeis noite nem dia de buscar até que hajais encontrado os MISTÉRIOS do REINO DA LUZ”**. Complementando essa ideia, em "A Revolução da Dialética", o mestre nos exorta a buscar a iluminação para que **“todo o resto vos será dado por acréscimo”**.

Essa jornada não é para todos, pois co-

mo ele menciona em "Sim, Há inferno, Diabo e Carma" - **“entre milhares de homens, talvez um intente chegar à perfeição; entre os que intentam, possivelmente um logra a perfeição”**.

O Encontro e a Perturbação

O encontro com a verdade é um choque que desestabiliza as estruturas falsas do ego, causando a perturbação inicial. É o confronto do buscador com suas próprias limitações e ilusões. Em "A Revolução da Dialética", o V.M. Samael Aun Weor adverte que **“O pior inimigo da iluminação é o ‘Eu’”**. Ele explica que o "Eu" é um **“nó no fluir da existência”** e que o Mestre que não dissolveu o "Ego" **“não pode exercer todavia o poder sacerdotal”**. A perturbação surge ao **“se pôr atenção no que há de desatento”**, revelando as formas de ceticismo e dúvida. Essa crise é necessária para o nascimento

do Ser, pois, como afirma em “Os Mistérios Maiores”, **“O ‘Eu’ deve morrer totalmente para que nasça o ser”**.

A Maravilha e o Reinado

Ao superar a perturbação e a morte do “Ego”, o buscador se maravilha com a nova realidade interior e alcança o domínio sobre si e sobre o cosmos. A consciência, livre das amarras do “Ego”, se torna uma ferramenta de poder inefável. Em “Mente e Meditação”, o V.M. Samael Aun Weor descreve essa nova percepção: **“Certamente, a consciência desperta é grandiosa, subli-**

me, inefável, e nos confere múltiplos poderes.” Essa nova realidade é tão profunda que, em “Noções Fundamentais de Endocrinologia e Criminologia”, ele ensina que **“Quando o estudante desfruta de Consciência Contínua, já não sonha”** e se move conscientemente nos mundos superiores. Por fim, em “O Matrimônio Perfeito”, o mestre descreve a experiência de se **“iniciar em uma nova e superior ordem de ideias”**, sentindo o “cintilar do esplendor *Brahmânico*” que penetra na mente e na consciência. ■

Bibliografia:

- “O Colar de Buda”, cap 14, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix 2016.
- “O Mistério do Aureo Florescer”, cap 1, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix. 1996.
- “A Revolução da Dialética”, cap 1 e 3, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix. 2025.
- “Sim, Há inferno, Diabo e Karma”, cap 4, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix. 2024.
- “Os Mistérios Maiores”, cap 32, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix. 2020.
- “Mente e Meditação”, cap 11, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix. 2025
- “Noções Fundamentais de Endocrinologia e Criminologia”, cap 22, Samael Aun Weor. Editora IGA Fenix. 2022.

O EREMITA

por Beralto



XXVII CONGRESO
GNÓSTICO INTERNACIONAL
DE ANTROPOLOGÍA



ISLA DE CRETA-GRECIA
DEL 27 DE OCTUBRE
AL 2 DE NOVIEMBRE

2025

**“La Gnósis en los
Misterios Arcaicos”**

I.G.A. Instituto Gnóstico de Antropología

Sala de Aula Gnóstica

Alquimia e as Catedrais Góticas

8ª Aula da Antecâmara - por Ricardo Amâncio e Jussara J. (IGA Lisboa)

A antiguidade da ciência, chamada alquimia, mãe amorosa da química moderna, remonta a tempos remotos e incertos. Segundo algumas escolas iniciáticas, sua verdadeira origem e nascimento nos leva à vestusta Lemúria e ao misterioso continente Atlante, onde teria florescido e adquirido sua auréola de esplendor e hermetismo.

As revelações e doutrinas alquímicas sofreram aos poucos a ação corrosiva do tempo, e o silêncio recaiu sobre seus principais segredos, relegando o conhecimento divino a alguns poucos eleitos, que tentaram uma forma de perpetuação por meio de hieróglifos selados, em poder de sacerdotes egípcios. Moisés recebeu a missão de conservar esses hieróglifos sagrados, que haviam passado pela escola Alexandrina e sido conhecidos pelos antigos gnósticos.

Muitos estudiosos consideram como iniciador da ciência sagrada, a Alquimia, Hermes Trismegisto, o três vezes grande, que teria vivido quatro milênios a.C. como um rei pré-faraônico, filósofo notável e sacerdote nos mistérios egípcios. A ele atribuem-se vários tratados alquímicos como a célebre "Tábua de Esmeralda" e, juntamente com seu filho Thot, teria formulado as primeiras leis e códigos de ética egípcios. Geber, sábio alquimista árabe, escreveu sobre as qualidades requeridas ao adepto nos trabalhos alquí-

micos da obra solar: vontade, perseverança inquebrantável e paciência infinita.

A grande obra (*Magnus Opus*) exige anos de experimentos e sabe ser trabalhosa e dificultosa. Ela é a arte sacra, arte divina ou hermética. Ne-la operam o agente transmutador (a Pedra Filosofal), a influência celestial (religiosidade cósmica), diversas influências astrais (astrologia esotérica), além dos efeitos de letras e números (Cabala).

A *loquina* H. P. Blavatsky, discípula de Kout Humi, diz que todo estudante que queira aprender os mistérios de *Chiram* (o fogo) deve buscar os alquimistas medievais.

Os princípios sagrados da alquimia são: unidade, par de opostos (homem e mulher), trindade (ativo, passivo e neutro), elementos (fogo, ar, água e terra). Todo aquele que queira realizar-se a fundo deve trabalhar em seu laboratório com o *azufre* (fogo), *azoe* (ar), homem (água) e o touro (terra); estes quatro elementos formam a cruz.

O alquimista que segue a senda do matrimônio perfeito deve transmutar o chumbo em ouro, dentro da caverna profunda da grande cordilheira (a espinha dorsal).

É necessário transmutar o chumbo da personalidade no ouro do espírito; só assim podemos voltar a falar do nascimento puríssimo da língua divina. Nossa divisa é *THELEMA* (Vontade). Até o corpo pode ser

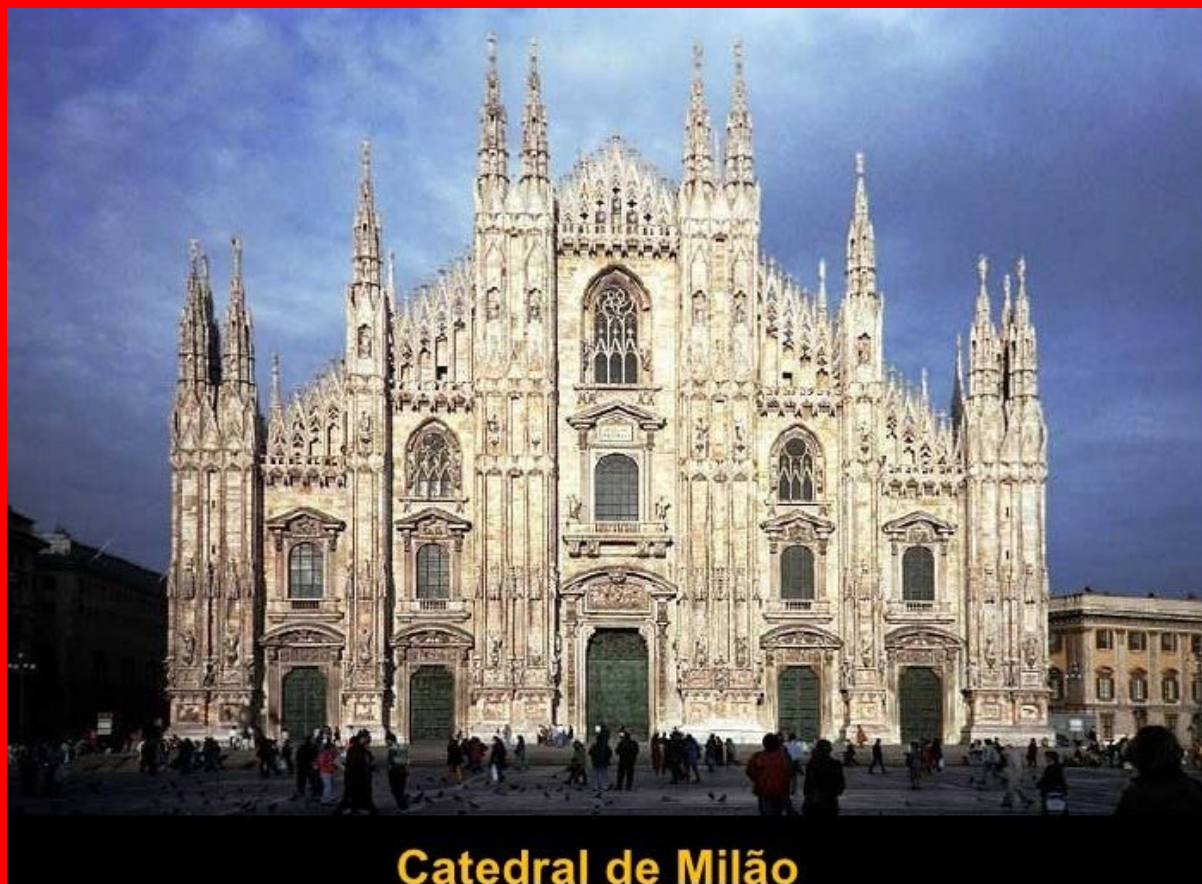
conservado durante milhares de anos com o Elixir da Longa Vida, que se consegue com o trabalho na Pedra Filosofal (o fogo sagrado - fogo do Pentecostes, do Espírito Santo - *Kundalini*).

O Mestre Mejnour viveu sete vezes sete séculos. O Mestre Zanoni conservou seu corpo físico por milhares de anos. O Conde San Germain ainda possui o mesmo corpo físico com que se apresentou nas cortes europeias durante os séculos XVII e XVIII. Com os Elixires Branco e Vermelho entramos no reino do Super-Homem e nos convertemos em deuses onipotentes do universo.

O corpo de liberação não está sujeito à morte nem às enfermidades. O corpo da liberação é feito de carne e

osso, porém é carne que não veio de Adão, é carne do Cristo Cósmico. O corpo da liberação assemelha-se ao do Divino Rabi da Galileia. O corpo da liberação é o corpo dos Deuses. Com este corpo sentamos no trono da Justiça e da Verdade e somos exaltados como imortais em Osiris e Hórus.

A construção das Catedrais Góticas, em maior número na Europa, foi influenciada pela doutrina alquímica, e elas possuem muitos símbolos alquímicos, como o círculo e o triângulo, símbolos da energia criadora, e de figuras importantes neste contexto, como Tifon e os doze Apóstolos, que fazem referência às doze partes de nosso próprio Ser etc. ■



Catedral de Milão

Bibliografia:

- 1) “O Matrimônio Perfeito”, Samael Aun Weor, cap.31. Editora IGA Fênix. 2024.
- 2) “Tratado de Alquimia Sexual”, Samael Aun Weor, cap.VII. Editora IGA Fênix. 2024.Cap. VII.

O CULTO AO FOGO

Samael Aun Weor

O culto ao fogo foi grandioso na antiga Pérsia. O culto ao fogo é antiquíssimo. Conta-se que este culto é anterior à dinastia dos Aquemênidas e à época de Zoroastro. Os sacerdotes persas tinham uma riquíssima liturgia esotérica relacionada com o culto ao fogo. Os antigos sábios persas jamais se descuidaram do fogo. Eles tinham a missão de mantê-lo sempre aceso. A doutrina secreta do Avesta diz que existem distintos fogos: o fogo do raio que brilha na noite terrível, o que trabalha no interior do organismo humano, produzindo calor e dirigindo os processos da digestão, o que se concentra nas plantas inocentes da natureza, o fogo que arde no interior das montanhas e que os vulcões da Terra vomitam, o que está diante de Ahu-

ramazda, formando sua divina auréola, e o fogo de uso cotidiano, que os profanos usam para cozinhar seus alimentos. Diziam os persas que, quando a água fervente se derrama, ou quando algum ser vivente se queima, nesses casos Deus faz cessar seus efeitos benéficos sobre seu povo privilegiado.

Realmente, o fogo tem muitas modificações, mas, de todos os fogos, o mais poderoso é o que arde diante de Ahuramazda (o Logos Solar), formando sua auréola divina. Esse é o fogo que resulta da transmutação das secreções sexuais. Essa é a *Kundalini*, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, o fogo do Espírito Santo.

Aquele que quiser buscar o fogo de Ah-



uramazda deve buscá-lo dentro do interior de sua terra filosófica. Esta terra é o próprio organismo humano. Os sacerdotes persas cultivavam este fogo em lugares completamente obscuros, templos subterrâneos e lugares secretos. O altar era sempre um enorme cálice de metal com a sua base colocada sobre a pedra filosofal. O fogo era alimentado sempre com madeiras perfumadas e secas, especialmente com os deliciosos ramos de sândalo. Os antigos sacerdotes sopravam sempre o fogo com foles para não profaná-lo com o hálito pecador da boca humana.

Enche teu cálice com o vinho sagrado da luz. Recorda, bom leitor, que o fogo vivente secreto e filosófico arde dentro de tua própria terra filosófica. Agora, compreenderás o mistério oculto do ritual do fogo.

Dois sacerdotes cuidavam sempre do fogo. Eis aqui o binário. Cada um deles usava uma pinça para colocar os pedaços de madeira e uma colher para espalhar neles os perfumes. Eram, pois, du-

as pinças e duas colheres. Em tudo isto podemos ver o binário. Com isso se dá a entender que apenas o número dois pode cuidar do fogo. É necessário que o homem e a mulher, em binário perfeito, acendam e cuidem do fogo divino de Ahura-mazda.

No Bundehesch, espécie de evangelho ritual, diz-se que em um aposento especial ficava o poço de água sagrada onde o sacerdote fazia abluções antes de se apresentar diante do altar do fogo. Só aquele que bebe a água pura da vida pode acender o fogo. Só quem lava seus pés nas águas da renúncia pode acender o fogo. Só quem conserva a água pode ritualizar com o fogo. Essa água simboliza o *ens seminis*.

Em toda a Pérsia existem vestígios de templos complicados e antecâmaras onde se rendeu culto ao fogo. Encontramos hoje em dia estes vestígios em Persépolis, Ispahán, Yezd, Palmira, Susa etc.

O fogo é terrivelmente divino. Nas casas daqueles que percorrem a senda do



Matrimônio Perfeito não deve faltar jamais o fogo. Uma vela acesa com profunda devoção equivale sempre a uma oração e atrai, então, do alto um tremendo fluxo de energia divina. Toda oração ao Logos deve ser acompanhada do fogo. Assim a oração é poderosa.

Chegou a hora de retomar o culto do fogo. Os gnósticos deverão sair a passear pelas montanhas e ali, no seio profundo da Mãe Natureza, fazer fogueiras, acender o fogo, orar e meditar. Assim podemos atrair, do alto, poderosos fluxos de energia divina, que nos ajudarão na Grande Obra do Pai.

O ser humano deve acender seus quarenta e nove fogos por meio de magia sexual. Quando nossos pensamentos forem ardentes, poderemos criar como os Deuses inefáveis do cosmo. Os Deuses Santos são verdadeiros ministros do fogo. Os Deuses Santos são chamados de fogo que flamejam.

OS DERVIXES DANÇANTES. As danças sagradas dos dervixes dançantes, tanto na Pérsia como na Turquia etc., constituem, no fundo, um culto ao fogo. É lastimável que as autoridades de Ancara, presumindo-se muito civilizados, tenham proibido as danças públicas dos dervixes dançantes.

Os dervixes imitam maravilhosamente o movimento dos planetas do sistema solar ao redor do sol. As danças dos dervixes estão intimamente relacionadas com a espinha dorsal e os fogos sexuais. Jamais devemos esquecer que a serpente se deleita com a música e com a dança, como já foi demonstrado no Egito e na Índia com os encantadores de serpentes. Estes tocam sua flauta maravilhosa, e as serpentes encantadas dançam.

Convém recordar agora as danças ritualísticas do fogo de todos os templos antigos. Recordemos os bailes desnudos dos Mistérios Elêusis, as bailarinas sagradas da Índia, do Egito, México, Yucatán etc. Quando os registros



akáshicos caírem nas mãos dos cientistas, e todo o mundo puder ver pela televisão as danças do fogo dos tempos arcaicos, então voltaremos a essas danças que, inevitavelmente, substituirão os bailes profanos.

TREVAS EGÍPCIAS. Há alguns anos, uns poucos monges de má-fé do Mosteiro Athos, famoso na Grécia e na Rússia, se dedicaram a vender trevas egípcias em frasco, fazendo com isto um grande capital.

Resulta absurdo vender trevas egípcias como pó negro e metido em frascos. A realidade das trevas egípcias não pode ser vendida como pó negro. Esta expressão trevas egípcias é uma frase alegórica arcaica. Os egípcios, quando se cobriam com seu manto e fechavam os olhos para o mundo físico, ficavam em trevas para o mundo mas em luz esplendorosa para o espírito.

Atualmente, há muitos sábios metidos entre as trevas egípcias. Entretanto,



resplandecem com o fogo sagrado no *Amenra*.

Existem muitos sábios egípcios que foram enterrados vivos em estado de catalepsia. Eles dormem profundamente em seus sepulcros até o dia e a hora em que devam despertar, de acordo com os planos da Loja Branca. Há um deles cujo corpo está adormecido desde três mil anos antes de Jesus, o Cristo; outro dorme desde dez mil anos antes de Jesus, o Cristo, e todos assim, da mesma maneira, dormem; seus corpos estão em trevas egípcias, mas suas almas vivem conscientes nos mundos superiores, trabalhando intensamente pela humanidade.

Chegado o dia e a hora, cada um destes Adeptos será assistido pelos seus irmãos, tirado de sua casa sepulcral e despertado. Estes Adeptos egípcios iniciarão uma nova época de atividade espiritual. Eles conservam em sua memória todos os conhecimentos arcaicos.

É interessante saber que os corpos destes adeptos, devidamente vendados e protegidos dentro de suas caixas fune-

rárias, dormem sem comer e sem beber. Todas suas funções orgânicas estão suspensas. Estranhas e misteriosas substâncias químicas os protegem. Teríveis guardiões elementais guardam seus sepulcros, e nenhum arqueólogo os encontrará.

Sair do sepulcro depois de milhares de anos, conservar-se sem comer nem beber durante tantos séculos, só é possível com o culto ao fogo, com o poder do fogo. Todos esses adeptos praticaram intensamente a magia sexual. Só a serpente de fogo pode dar ao adepto esta classe de poderes tão terríveis. ■



BIBLIOGRAFIA:
“O Matrimônio Perfeito”, capítulo 28. IGA Fênix Editora. 2025.

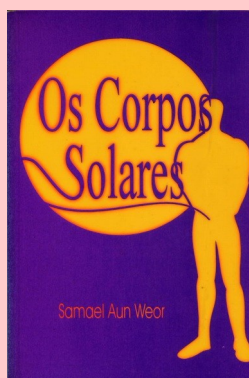
GLOSSÁRIO

N
O
S
T
I
C
O

Caminho de João – o sendeiro celestial, o caminho do Verbo. Ninguém pode trabalhar no caminho de João, sem haver antes andado pelo caminho de Pedro (o grande Mestre do sexo). É impossível entrar no sendeiro celestial sem uma prévia preparação nos terrenos da região purgatorial interior. Pelo caminho de João se avança à base de renúncias cada vez mais e mais terríveis. Aqueles que abandonam o caminho direto, os que se metem pelos transversais, cedo ou tarde, têm que se reencarnar para voltar ao caminho de João, ao sendeiro celestial, ao caminho reto. No caminho de João o ato sexual está absolutamente proibido. João, o verbo, vela guardado no fundo da Arca, esperando o instante de ser realizado.

Caminho de Judas – entre o caminho de Pedro e o caminho de João existe um abismo. É indispensável estabelecer uma ponte sobre o precipício, para unir os dois caminhos é urgente pendurar, enforcar Judas na ponte. Judas é o “Eu” pluralizado, a legião lunar de “Eus-diabos” que todo animal intelectual carrega dentro de si mesmo, composto pelas granulações do fogo luciférico ou *fohat* negativo. Judas é a cristalização de Lúcifer, a palavra de Lúcifer tomada forma. Sem Lúcifer, a existência de Judas resultaria impossível.

Caminho de Pedro – a chave fundamental do caminho de Pedro é o Maithuna (*Yoga Sexual*). Foi necessário que Patar morresse crucificado com a cabeça para baixo e os pés para cima, para nos indicar a descida à Nona Esfera, o nono Círculo do inferno dantesco. Existe uma íntima relação entre a Nona Esfera (o sexo) e a pedra cúbica. Recordemos que a sagrada pedra tem nove faces e que reúne, em si mesma, a perfeição do cubo e a equilibrada elevação da pirâmide de base quadrangular. O *cteis* formal (útero) se cruza com o falo vertical para formarem a cruz, que é cem por cento fálica. É indispensável saber que, ao abrir a pedra cúbica de ponta e ao estender suas faces, obtemos o símbolo da cruz como expressão perfeita do Magistério do Fogo. Devemos trabalhar com a dura pedra, dar-lhe forma cúbica perfeita, percorrer o caminho de Pedro. Urge percorrer o caminho de Pedro para ter direito a galgar o sendeiro celestial, o caminho do Verbo, o caminho de João.



Referência Bibliográfica:

“Os Corpos Solares”; capítulos 34 e 35. IGA Fênix Editora. 2016^(*).

(^(*)Em breve nova edição)



Calendário de Atividades do IGA Outubro a Dezembro de 2025

MÊS DIA	DATA ESPECIAL	EVENTO / LOCAL
OUTUBRO		De 01 a 31/10/2025
23	Início Signo Escorpião	Prática: transmutação das energias
27	Advento de Samael	Prática da Runa LAF (V.M. Samael)
27/10 a 02/11	XXVII Congresso Gnóstico Internacional de Antropologia	Ilha de Creta - Grécia
NOVEMBRO		De 01 a 30/11/2025
01 e 02	Todos os Santos e Finados	Intensificar a Oração e Morte do “Eu”
14 a 16	Retiro Proclam. República	I CRE - Cabo de Sto. Agostinho/PE (2ª Câmaras) II CRE - Araucária/PR (2ª Câmara)
27	Advento de Samael	Prática da Runa LAF (V.M. Samael)
DEZEMBRO		De 01 a 31/12/2025
12-14	Retiro Final de Ano	CRE I + II (1ª e 2ª Câmaras)
25	Natal	Nascimento do Cristo Jesus
27	Advento de Samael	Prática da Runa LAF (V.M. Samael)
31	Fim de Ano	Prática de Retrospeção

CRE II - Retiro 05-07/09/25



Foto por: Ricardo Nairo

XI CONVENÇÃO GNÓSTICA
DO BRASIL
São Paulo
AMOR,
O ÚNICO CAMINHO.



De 4 a 7 de Julho de 2026
Hotel Meliá Ibirapuera
São Paulo - SP



ORGANIZAÇÃO:
IGA BRASIL
INSTITUTO GNÓSTICO DE ANTRPOLOGIA DO BRASIL
www.igabrasil.org.br

INFORMAÇÕES SOBRE CURSOS E PALESTRAS GRATUITOS:

() _____

IGA: _____